

DESCRIÇÃO CURIOSA  
D A S  
PRINCIPAIS PRODUÇÕES,  
RIOS E ANIMAIS DO BRASIL,  
PRINCIPALMENTE  
D A  
CAPITANIA DE MINAS GERAIS  
P O R  
JOAQUIM JOSÉ LISBOA,  
ALFERES DO REGIMENTO REGULAR  
DE VILA RICA



ESTUDO CRÍTICO  
MELÂNIA SILVA DE AGUIAR

**DESCRIÇÃO CURIOSA**  
**DAS**  
**PRINCIPAIS PRODUÇÕES,**  
**RIOS E ANIMAIS DO BRASIL,**  
**PRINCIPALMENTE**  
**DA**  
**CAPITANIA DE MINAS GERAIS**  
**POR**  
**JOAQUIM JOSÉ LISBOA,**  
**ALFERE DO REGIMENTO REGULAR**  
**DE VILA Rica**



**ESTUDO CRÍTICO**  
**MELÂNIA SILVA DE AGUIAR**

DESCRIPÇÃO CURIOSA  
DAS  
PRINCIPAES PRODUCÇÕES,  
RIOS E ANIMAES DO BRAZIL,  
PRINCIPALMENTE  
DA  
CAPITANIA DE MINAS GERAES  
POR  
JOAQUIM JOSÉ LISBOA,  
ALFERES DO REGIMENTO REGULAR  
DE VILLA RICA.



LISBOA,

---

NA IMPRESSÃO REGIA.  
1806.  
*Com licença.*

~~Colégio~~  
MINEIRIANA

MT  
910.4(815.1)  
L769J

DESCRIÇÃO CURIOSA  
DAS  
PRINCIPAIS PRODUÇÕES,  
RIOS E ANIMAIS DO BRASIL,  
PRINCIPALMENTE  
DA  
CAPITANIA DE MINAS GERAIS  
POR  
JOAQUIM JOSÉ LISBOA,  
ALFERES DO REGIMENTO REGULAR  
DE VILA Rica

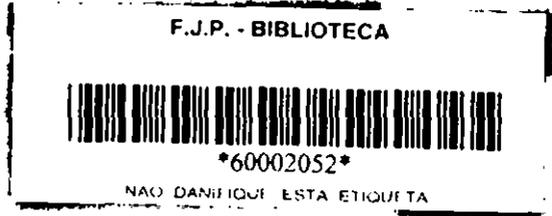


ESTUDO CRÍTICO, FIXAÇÃO DO TEXTO, NOTAS E COMENTÁRIOS  
MELÂNIA SILVA DE AGUIAR

BELO HORIZONTE

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO  
CENTRO DE ESTUDOS HISTÓRICOS E CULTURAIS

2002



Governador  
Itamar Augusto Cautiero Franco

Secretário de Estado do Planejamento e Coordenação Geral  
Frederico Perido Alvarenga

Presidente da Fundação João Pinheiro  
Jarbas Medeiros

Diretora do Centro de Estudos Históricos e Culturais  
Sylvana de Castro Pessoa Santana

*Esta obra, publicada na atual administração, foi iniciada na gestão de Roberto Martins, presidente da Fundação João Pinheiro, e de Eleonora Santa Rosa, diretora do Centro de Estudos Históricos e Culturais.*

ISBN: 85-85930-42-X

L769 Lisboa, Joaquim de  
Descrição curiosa das principais produções, rios e animais do Brasil, principalmente da Capitania de Minas Gerais / estudo crítico e atualização ortográfica Melânia Silva de Aguiar - Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 2002.

92p. ( Coleção Mineiriana. Série Clássicos ).

Original publicado em Lisboa em 1806.

Poemas com notas e comentários.

ISBN: 85-85930-42-X

1. Descrição de viagem - Minas Gerais. 2. Flora - Minas Gerais. 3. Fauna - Minas Gerais. 4. Vegetação - Minas Gerais. I. Aguiar, Melânia Silva de, estudo crítico. II. Título. III. Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, ed. IV. Série.

CDU 910.4 (815.1)

~~MINERARIA~~  
MINERIANA

**Apoio cultural**

**IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**

**FAPEMIG - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais**

*Editoria*  
**MINEIRIANA**

**Conselho Editorial**

Affonso Ávila  
*Affonso Romano de Sant'Ana*  
Amílcar Vianna Martins Filho  
Angela Gutierrez  
Antônio Octávio Cintra  
Aluisio Pimenta  
Angelo Oswaldo de Araujo Santos  
Bernardo Mata Machado  
Celina Albano  
Clélio Campolina Diniz  
Cyro Siqueira  
Douglas Cole Libby  
Fábio Lucas  
Fábio Wanderley Reis  
Fernando Correia Dias  
Guy de Almeida  
Hindemburgo Chateaubriand Pereira Diniz  
Isaías Golgher  
Jarbas Medeiros  
João Antônio de Paula  
José Aparecido de Oliveira  
José Bento Teixeira Salles  
José Ernesto Ballstaedt  
José Israel Vargas  
José Murilo de Carvalho  
Júlio Barbosa  
Lucília de Almeida Neves Delgado  
Luis Aureliano Gama de Andrade  
Maria Antonieta Antunes Cunha  
Maria Efigênia Lage de Resende  
Miguel Augusto Gonçalves de Souza  
Norma Góes Monteiro  
Otávio Soares Dulci  
Paulo Roberto Haddad  
Paulo de Tarso Flecha de Lima  
Paulo de Tarso Almeida Paiva  
Roberto Borges Martins  
Roberto Brant  
Rui Mourão  
Vera Alice Cardoso

Coordenação Editorial  
Sylvana de Castro Pessoa Santana

Indicação de Texto  
Roberto Borges Martins

Produção Executiva  
Ronara de Paula  
Roseli Raquel de Aguiar

Design Gráfico  
Márcia Larica / Estação Primeira de Design

Pesquisa Iconográfica  
Luís Augusto de Lima

Editoração Eletrônica  
Fernando Jorge

Reprodução Fotográfica  
Tibério França

Revisão de Texto  
Afonso Celso Gomes

Normalização  
Helena Schirm

Com a presente edição da *Coleção Mineiriana*, a Fundação João Pinheiro, por intermédio do Centro de Estudos Históricos e Culturais, lança-se à publicação de nova modalidade de obras fundamentais para o conhecimento e a compreensão da história de Minas Gerais: o texto poético.

O poema *Descrição curiosa das principais produções, rios e animais do Brasil, principalmente da Capitania de Minas Gerais*, do mineiro de Vila Rica Joaquim José Lisboa, publicado em primeira edição em 1804 e em segunda em 1806 pela Impressão Régia, de Lisboa, exalta, em seus 616 versos, as belezas e riquezas da terra brasileira. Precedido de uma introdução e seguido de notas esclarecedoras de fatos e termos, o poema é motivado *pelo desejo de insinuar a alguns amigos que tenho em Portugal as diferentes produções que têm o Brasil...* e pelo interesse científico de contribuir para estudos futuros, esclarece o autor.

Seus singelos versos, marcados por expressões de orgulho e entusiasmo, falam de campos, flores, rios, clima, frutas, hábitos alimentares, pedras e metais preciosos, animais, escravos, índios e ervas medicinais encontrados na Capitania de Minas Gerais. Refere-se o autor, ainda, de modo mais específico, ao norte da capitania, região na qual teria vivido e com a qual revela ter tido forte ligação afetiva ao se intitular *pastor do Serro*.

O estudo crítico, o trabalho de atualização da grafia e pontuação, e as notas e comentários finais da professora Melânia Silva de Aguiar, didaticamente, auxiliam o leitor a compreender o contexto histórico no qual a obra foi composta e a ler nos versos, estrofes e palavras o dito, os sonhos e os silêncios do autor.

As imagens publicadas neste volume não constam nos originais. A pesquisa iconográfica, realizada por Luís Augusto de Lima, teve o objetivo de ilustrar o poema, mediante a seleção de imagens encontradas em relatos de viajantes e naturalistas da época em acervos públicos e privados, em especial do Arquivo Público Mineiro e da Biblioteca Pública Estadual Luís de Bessa.

Devemos salientar a importância do investimento inicial feito no projeto na gestão do presidente Roberto Borges Martins e da diretora Eleonora Santa Rosa, assim como o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig) e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), que viabilizaram esta publicação. A eles nossos agradecimentos.

Juntamente com a diretora do Centro de Estudos Históricos e Culturais, Sylvana Pessoa, e sua equipe, orgulhosamente oferecemos aos leitores curiosos, de todos os lugares, mais esta obra sobre nosso estado, da série *Clássicos*, à qual dedicamos amoroso cuidado.

Jarbas Medeiros  
Presidente da Fundação João Pinheiro

## Sumário

A curiosa descrição de um certo alferes, <i>feliz versejador</i> Melânia Silva de Aguiar	13
Nota explicativa Melânia Silva de Aguiar	23
Descrição curiosa das principais produções, rios e animais do Brasil, principalmente da Capitania de Minas Gerais Joaquim José Lisboa	27
Notas Joaquim José Lisboa	57
Notas e comentários	
I - Ao Poema	77
II - Às Notas, do Autor Melânia Silva de Aguiar	84

### A curiosa descrição de um certo alferes, *feliz versejador*

O poema *Descrição curiosa das principais produções, rios e animais do Brasil, principalmente da Capitania de Minas Gerais*, do mineiro Joaquim José Lisboa, publicado pela Impressão Régia, de Lisboa, pela primeira vez em 1804 e pela segunda em 1806 inscreve-se no veio literário inaugurado nos primórdios do descobrimento, de larga e contínua fortuna durante a colonização, e em tempos posteriores: o do conhecimento e exaltação da terra, a que não falta o termo comparativo com a natureza e, por vezes, com a gente de Portugal. A pujança da natureza americana exercerá sobre o homem europeu um tal fascínio, que à descrição da terra e seus habitantes estarão sempre misturadas as expressões de perplexa admiração e encantamento. Este fascínio persistirá na obra de autores aqui nascidos e, desde a *Carta*, de Pero Vaz de Caminha, passando pela *Prosopopéia*, de Bento Teixeira, os *Diálogos das Grandezas do Brasil*, de Ambrósio Fernandes Brandão, a *silva À Ilha da Maré*, de Manuel Botelho de Oliveira, até os menos antigos, como o *Compêndio Narrativo do Peregrino da América*, de Nuno Marques Pereira, ou a *História da América Portuguesa*, de Sebastião da Rocha Pita (não ultrapassando aqui, por exaustiva, a longa lista posterior à primeira metade do século XVIII), a novidade ou a exuberância oferecidas pelo Novo Mundo impressionam fundamentalmente visitantes e nativos, levando-os a manifestações de entusiasmo vibrante.

BIBLIOTECA DA  
FUNDAÇÃO JOÃO PÉREIRA

BIBLIOTECA DA  
FUNDAÇÃO JOÃO PÉREIRA

Não se pode dizer que as descrições dos primeiros tempos contêm elementos de nativismo ou, muito menos, sonhos separatistas, movidos que estão seus autores pelo desejo de dar conta à Realeza ou a estrangeiros das belezas da terra e das imensas possibilidades de expansão religiosa e de retorno econômico sugeridas pelos novos domínios, quando não, simplesmente, de alardear, com orgulho, suas "grandezas". Esta atitude, entretanto, à medida que se vão formando os núcleos familiares locais, vai-se transformando, quase imperceptivelmente, numa consciência cada vez mais aguda das potencialidades da terra, afastada do arrochado controle da Metrópole. O sentimento recalcado de injustiça e a ambição por dias melhores, livres desse rígido controle, fermentarão obras que só não são mais claras no tom reivindicatório de suas colocações pelo temor que carregam seus autores de cair em desagrado junto ao poder instituído. Este sentimento de incômoda inadequação a uma ordem injusta pode, por exemplo, ser claramente rastreado na obra dos poetas mineiros setecentistas, notadamente em Basílio da Gama, Cláudio Manuel da Costa e Alvarenga Peixoto. Sobre o amadurecimento desta consciência, expressa-se José Ferreira Carrato:

*Vale recordar que, desde antes da Inconfidência Mineira, o povo apreendia cada vez mais uma nítida consciência nacional, que ia desde o ingênuo me-ufanismo das belezas e riquezas da terra até a formulação de toda uma ação política e econômica de libertação do Brasil, manifestada e discutida muitas vezes pelos Inconfidentes mais esclarecidos.<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> José Ferreira Carrato. *Igreja, Iluminismo e Escolas Mineiras*. São Paulo: EDUSP, 1968, p. 192.

A *Descrição curiosa (...)*, de Joaquim José Lisboa, constituída de uma introdução (*Ao Leitor*), o poema, propriamente, de 616 versos, e as *Notas*, em que o autor esclarece termos e fatos, sendo de resolução formal muito simples e de motivação temática pouco ambiciosa do ponto de vista literário, é expressão de um posicionamento ideologicamente acomodado para seu tempo, estando aparentemente mais para o lado do ingênuo "me-ufanismo" mencionado do que para a formulação de uma proposta de ação libertadora. Entretanto, a situação histórica em que esta obra foi composta merece considerações. Publicada nos albores do século XIX (1804), a *Descrição curiosa (...)* terá sido escrita, como se depreende de sua leitura, em Portugal, aproximadamente dez anos depois dos episódios conclusivos e dramáticos da Inconfidência de Minas Gerais (1792). A ignomínia e a maldição que pesam sobre os sediciosos mineiros nos acontecimentos desencadeados em 1789 poderão explicar a ausência verificada na literatura da época de maiores arrojados de expressão nativista, o que significou, do ponto de vista ideológico, um retrocesso em relação a manifestações imediatamente anteriores. Não é, pois, de estranhar que o autor da *Descrição curiosa (...)*, independentemente de sua admiração pela natureza pródiga e exótica de sua terra, não se esqueça no poema de reiterar sua lealdade ao Rei, insistindo em expressar com clareza sua consciência de serem tais riquezas "tesouros de Portugal". Não há no poema qualquer menção à terrível devassa, qualquer lembrança das inquietações vividas na Capitania, estas certamente ainda muito presentes e recalcadas na memória dos que as testemunharam

de alguma forma. E, por isso mesmo, não se pode ler o poema com olhos históricos sem se proceder à leitura deste silêncio que fala por si mesmo. Se o autor não desce, e empenhadamente se recusa a descer, a quaisquer considerações políticas que não sejam o incenso ao poder monárquico, é pelo avesso que o leitor deve chegar à obra, desconcertantemente objetiva. Como teria sido a vivência desses episódios por Joaquim José Lisboa, nascido em Vila Rica, em 1775, segundo nos informam as poucas obras antigas que, economicamente, se referem ao poeta? Seria, como se vê, um adolescente, entrando na juventude, natural da cidade / palco principal dos acontecimentos. Onde viveu? Por onde andou? De que se ocupava?

As principais obras de história e de biobibliografia do período colonial são parcas em dados sobre Joaquim José Lisboa. Teria ido para Portugal, segundo informa Inocêncio Francisco da Silva,

*ainda nos últimos anos do século passado, a solicitar o despacho de requerimentos que trazia; estes negócios, quaisquer que fossem achavam-se para ele favoravelmente terminados em 1802, e nesse ano preparava-se para voltar à pátria, o que todavia não efetuou, continuando a persistir em Lisboa, pelo menos até 1811. Depois deste tempo não aparecem mais notícias suas.<sup>2</sup>*

É de se notar que data de 1812 a publicação das "Liras oferecidas ao Senhor João Anastácio Carvalhosa Henriques, por Joaquim

---

<sup>2</sup> Inocêncio Francisco da Silva *Dicionário Bibliográfico Português*, t. IV. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860, p.104-105

José Lisboa, *Brasiliense*", editadas em Lisboa, pela Impressão Régia, o que faz supor que neste ano ainda continuava em Portugal.

Rubens Borba de Moraes, em sua *Bibliografia Brasileira do Período Colonial*, relaciona dez títulos, a que podem ser acrescentados dois ou três poemas avulsos.<sup>3</sup> Cotejando esta lista com outras relações bibliográficas, depreende-se que o escritor era dado a reedições de sua obra, em formatos diversos. O exame das folhas de rosto das obras que publicou (melhor dizendo "opúsculos", já que muito breves e sem maior significado) oferece algumas indicações que, à falta de melhores fontes, poderão suprir a ausência de dados mais precisos sobre o poeta. Nas obras publicadas de 1802 a 1808, figura quase que invariavelmente a condição do autor de "Alferes do Regimento Regular de Vila Rica"; nas que se seguem, de 1808 a 1811, diz-se "Alferes do Regimento de Tropa de Linha de Vila Rica"; e nas "Liras oferecidas ao Senhor João Anastácio Carvalhosa Henriques", de 1812, consta, sem mais, "Joaquim José Lisboa, *Brasiliense*". Estaria o poeta, já neste ano, afastado de sua condição de alferes? O nomear-se só "*Brasiliense*" não é a marca de

---

<sup>3</sup> São as seguintes as obras atribuídas a Joaquim José Lisboa: 1. *Joaquim e Tamira: versos pastorais* (...). Lisboa. 1802. Na Of. de Simão Thaddeo Ferreira. 2. *Descrição Curiosa das Principais Produções, Rios, e Animais do Brasil, principalmente da Capitania de Minas Geras* (...). Lisboa. Na Impressão Régia. 1804. 3. *Liras de Jonino, Pastor do Serro* (...). Lisboa. Na Impressão Régia. 1807. 4. *A proteção dos Ingleses* (...). Lisboa. Na Impressão Régia. 1808. 5. *Jonino de Adônia* (...). Lisboa. 1808. Na Of. de Simão Thaddeo Ferreira. 6. *Ode oferecida ao Ilmo. e Exmo. Sr. Francisco da Silveira Pinto da Fonseca* (...). Lisboa. 1808. Na Of. de Simão Thaddeo Ferreira. 7. *Ode à chegada de Sua Alteza Real o Príncipe Regente N.S. ao Brasil* (...). Lisboa. Na Impressão Régia. 1810. 8. *Obras poéticas consagradas às imortais ações do grande Wellington* (...). Lisboa. Na Impressão Régia. 1811. 9. *Liras oferecidas ao senhor João Anastácio Carvalhosa Henriques* (...). Lisboa. Na Impressão Régia. 1812. 10. *Soneto ao Ilmo. Sr. João Ferreira Castilho* (sem lugar nem data).

uma diferença e o indício de que ainda continua em Portugal? Em duas obras, pelo menos, *Joquino* e *Tamira: versos pastoris (...)*, de 1802, e *Liras de Jonino (...)*, de 1807, nomeia-se "Pastor do Serro", o que é altamente sugestivo. Se nascido mesmo em Vila Rica, como informam vários autores (uns possivelmente repetindo outros), é de se supor que teria vivido parte de sua vida na comarca do Serro, ou a ela se ligado de forma mais efetiva e afetiva. A hipótese ganha sentido se se considerar a relevância dada na *Descrição curiosa (...)* aos acidentes naturais desta região e adjacências, os "sertões por onde em soldado andei". Além de descrever elementos da natureza brasileira, em geral, o autor destaca já no título a capitania de Minas Gerais como seu alvo principal, mas é o norte da capitania, e particularmente o Serro do Frio, o centro de sua atenção e admiração maiores.

Lembra-nos Roland Barthes que "o espaço humano em geral (e não apenas o espaço urbano) sempre foi significante. A geografia científica e sobretudo a cartografia moderna podem ser consideradas como uma espécie de obliteração, de censura que a objetividade impôs à significação (objetividade que é uma forma, como qualquer outra, do imaginário)."<sup>4</sup> Abrindo o poema com uma espécie de visão panorâmica do país, em que fala genericamente de campos, bosques, matos, serras, ribeiros, clima, solo, o autor da *Descrição curiosa (...)* "lê" pela memória o espaço que o cerca (cercou), ini-

---

<sup>4</sup> Roland Barthes, "Semiologia e urbanismo". in *A aventura semiológica*, Lisboa: Edições 70, 1987, p.181.

ciando pelas frutas esta leitura e seu louvor mais particularizado da região. Evidentemente ele fala de um lugar definido, de um certo ponto do país, de uma perspectiva regionalista, estendendo os olhos ao espaço que o rodeia, mas descendo ao detalhe descritivo quando trata de aspectos que lhe são mais claramente familiares. Assim, as frutas do tipo *gabioba*, *araticum*, *mangaba*, *araçá*, *jenipapo*, *ambu*, *cambucá*, *bacupari*, *juá*, *angá*, *mandapuçá*, *grumixama*, *jatobá* etc. remetem a uma geografia específica e desfilam numa sucessão de vocábulos de raiz indígena, verdadeira festa para ouvidos, paladar, olhos e olfato. Esta "festa" de frutos tropicais, que evoca a obra que pela primeira vez, no dizer de Sérgio Buarque de Holanda, conferiu "cidadania poética" à natureza brasileira, a silva *A Ilha da Maré*, de Manuel Botelho de Oliveira, persistirá na descrição dos legumes e verduras, e dos pratos típicos deles extraídos, os *jambês*, *quibebes*, *quingombôs*, *abarás*, *manauês*, *bobôs*, *carajés*, *mujanguês*, *vatapás* etc. Esta fartura, paraíso terreal, lembra uma idade de ouro, de "leite e mel", claramente referida pelo autor na estrofe 18:

*Isto junto ao gênio dócil,  
Da fiel, Brasília gente,  
Faz uma idade excelente,  
Produz um tempo feliz.<sup>3</sup>*

---

<sup>3</sup>Sérgio Buarque de Holanda observa que o tema paradisíaco, a propósito do Brasil, já aparece em Américo Vespúcio: *Efetivamente (...) a abundância e viço das plantas e flores em nossas matas, o suave aroma que delas emana, e ainda o sabor das frutas e raízes, chegam a sugerir ao florentino a impressão de vizinhança do Paraíso Terreal*. In: *Visão do Paraíso*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1959, p. 2/2.

Segue-se a relação dos rios, e aqui, novamente, os do Serro ganham em relevo, bem como as riquezas minerais da região:

*Há certo monte, Marília,  
Junto à comarca do Serro,  
Que tem em si prata e ferro,  
Mesmo em cima do seu cume.*

Nas *Notas*, no parágrafo relativo à passagem acima, o autor menciona com alguma precisão a extração de prata e ferro, realizada no Serro pelo mineralogista José Vieira Couto, e o encaminhamento deste material pelo então governador Bernardo José de Lorena (1797-1804) ao Príncipe Regente. Vieira Couto, nascido no Arraial do Tijuco, em 1752, formou-se em Coimbra, em 1778. Deixou importantes trabalhos sobre as minas da Capitania das Minas Gerais e sobre as salitreiras naturais, de Monte Rorigo, "com uma descrição do monte e um roteiro mineralógico", segundo informa Rodolfo Garcia.<sup>6</sup> Pelas referências de Joaquim José Lisboa, vê-se que está bem inteirado das pesquisas realizadas por Vieira Couto na região e, possivelmente, de seus escritos sobre os resultados de suas pesquisas.

Passando, em seguida, para a descrição dos pássaros, que ocupa nada menos que 28 quadras,<sup>7</sup> a que se seguem animais vários

---

<sup>6</sup>In: Francisco Adolfo de Varnhagen. *História do Brasil*, v. 3. São Paulo: Melhoramentos, 1978, p. 16-17.

<sup>7</sup>Também Nuno Marques Pereira, em seu *Compêndio Narrativo do Peregrino da América* (1728), prestou "um comovido tributo à ornitologia nacional", segundo Eugênio Gomes. Dirá a certa altura o narrador, depois de uma longa descrição: *Não falo aqui das mais aves/ Nem dos saivins, e guigós/ Que com bailes de alegria/ festejam ao Criador*. V. Eugênio Gomes, "O mito do ufanismo", in: *A literatura no Brasil*, dir. Afrânio Coutinho, v. 1. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americana, 1968, p. 284.

e, mais, cobras e peixes, este "feliz versejador", como o qualifica Varnhagen, entra, surpreendentemente, na descrição dos negros e dos índios, de seus hábitos e natureza, colocando-os, pois, como outras tantas "produções naturais". Há, também aí, um certo delicia-mento no desenrolar dos nomes exóticos de tribos indígenas, certa-mente estranhos aos ouvidos portugueses. A minuciosa explicação que se segue do uso medicinal das ervas locais reforça a intenção pedagógica do autor, completada nas descrições finais das pedras e metais preciosos.

A ambição do autor, expressa no prólogo, é dar notícia e tornar conhecidas as variadas produções do Brasil, é explicar os termos e vocábulos desconhecidos, é tornar, enfim, legível aos amigos portugueses e – ambição maior – aos sábios esta fértil e diferenciada natureza brasileira. Move-o, pois, uma razão afetiva (o querer compartilhar sua experiência com os amigos de Portugal, no poema representados por *Marília*, que possivelmente condensará uma figura feminina, real, e os portugueses, em geral) e uma outra razão que, sendo ainda afetiva (o desejo de ver valorizada sua terra), é também científica, enquanto contribuição para futuros estudos dos elementos naturais da região e suas singularidades, usos, potencialidades econômicas, e da linguagem que os expressa.

Pode-se dizer, depreendido o sentido maior desta *Descrição curiosa* (...), que seu autor está muito menos para a inclinação bacharelesca do que para a vocação científica ou, em outras palavras, muito menos para o labor esmerilado do estilo do que para a descrição pragmática de uma realidade "significante", merecedora

de atenção objetiva. Sua contribuição, rudimentar embora, tem o sentido ético e pedagógico de alerta a futuros cientistas (e poetas) mais bem dotados que ele próprio. O franco posicionamento a favor da transferência da sede da monarquia para o Brasil, presente em outras obras do autor, assunto polêmico e vivo no tempo da *Descrição curiosa (...)*, indica que está atento aos interesses de sua terra e consciente das vantagens desta medida.<sup>8</sup> O visível orgulho que demonstra ter dos elementos que compõem a natureza do país, das riquezas da terra, dos hábitos alimentares, do modo de ser da "brasília gente", valorizados à distância pelo "brasiliense" saudosos, que anseia pela volta, poderá indicar, mais do que um ingênuo sentimento de superfície, o desejo de crescer junto com o País e de contribuir de forma verdadeiramente participativa na construção deste crescimento e prosperidade. Não era este afinal o sonho de seus conterrâneos da geração anterior? No silêncio de Joaquim José Lisboa, ou melhor, nas dobras do sentido ostensivamente oferecido, o vazio, o oco, o eco de um desejo subjacente e palpitante.

---

<sup>8</sup> Nos primeiros anos do século XIX, quando estava sendo escrita a *Descrição curiosa (...)*, como nos lembra o dr. Roberto Martins, a proposta foi explicitamente formulada por Dom Rodrigo de Souza Coutinho, o conde de Linhares (*Memória sobre a mudança da sede da Monarquia, 1803*)

### Nota Explicativa

A presente edição baseia-se na edição da Impressão Régia de 1806, que é uma reimpressão da de 1804, da mesma Impressão Régia. Tendo, pois, saído, ao que tudo indica, sob a supervisão do autor, nesta época residente em Portugal, a edição de 1806 é, sob todos os aspectos, recomendada (outra reimpressão, incompleta, do Arquivo Público Mineiro, é bem posterior: 1909, RAPM, ano XIV, p. 551).

*Foram observados na transcrição os seguintes critérios:*

1. A grafia foi atualizada, respeitadas as peculiaridades fonéticas do tempo e as singularidades da pronúncia regional, nem sempre registradas nos dicionários especializados; isto explica o uso de formas diferenciadas, usadas em alternância (ex.: *ipecucoanha*, *epicacuanha*).

2. As poucas alterações relativas ao léxico ocorreram em respeito à regularidade métrica do verso, quando, havendo mais de uma possibilidade de desempenho fonético, registrou-se no texto original um uso visivelmente inconveniente à regularidade métrica (ex.: *gorumixamas*, *grumixamas*). Estas alterações vêm devidamente registradas e comentadas.

3. A pontuação foi também atualizada, até o ponto em que não interferiu no sentido e, nem mesmo, no aspecto estilístico do texto. Basicamente, houve inovação nos casos de:

a) vírgula sistemática antes de conjunções, sem função estilística visível (eliminação);

b) dois-pontos, quando de uma excessiva ocorrência em trechos relativamente curtos (eliminação ou substituição);

c) outros sinais gráficos (aspas, travessão, indicador de igualdade etc.), em casos de ausência ou uso indevido, ambos comprometedores do sentido ou da boa redação (acréscimo ou substituição).

4. O uso de maiúsculas, excessivo no texto original, restringiu-se, na transcrição, aos nomes próprios de pessoas e lugares e aos casos consignados nas normas atuais, como nomes de obras, nomes de cargos administrativos relevantes ou de alta hierarquia, nomes empregados com relevo especial etc.

5. Apresentando-se em três blocos distintos (*Ao Leitor*, poema, *Notas*), a *Descrição curiosa* (...) vem aqui reproduzida na sua seqüência original e na forma peculiar de o autor, em suas *Notas*, remeter às páginas e versos que contêm expressões ou passagens, objeto de seus comentários.

6. Em nossas *Notas e Comentários*, que constituem na presente edição um quarto bloco, preferiu-se usar o recurso tradicional de remissão ao texto a partir da numeração à esquerda de versos ou linhas, procedimento que torna mais clara a delimitação dos campos "Notas", do Autor/ "Notas e Comentários", de nossa autoria.



## AO LEITOR

**N**ão foi o desejo de me singularizar que me moveu a fazer a descrição curiosa que sai à luz, nem tampouco quis ostentar na dificuldade da metrificação: foi o desejo de insinuar a alguns amigos que tenho em Portugal as diferentes produções que tem o Brasil, principalmente nos frutos, nos rios e animais; e por isso devo esperar a benignidade do público, pois ainda que a obra se não recomenda pela mediocridade da versificação, contudo, a novidade do objeto e explicação dos termos e vocábulos desconhecidos servirão até aos sábios, para poderem melhor entender a linguagem daquele país e compreenderem a variedade da sua produção; enfim, poderá servir de abrir estrada a algum gênio fecundo e erudito, e mais sublimes versos cantar do vasto Brasil a fertilidade.



**M**inha Marília, eu não faço  
Do Brasil uma pintura,  
De sublime arquitetura,  
Como a que tem Portugal.

5 Pinto com pobre discurso,  
Com pouca arte, e sem beleza,  
Os dotes que a natureza  
Lhe deu com mão liberal.

10 Campos nativos lhe deu,  
Deu-lhe bosques, matos, serras,  
E fez fecundas as terras,  
De proficuos vegetais.

15 Ornam aos campos e aos matos,  
Engraçadas, tenras flores,  
Com diferença nas cores,  
No feitio e em tudo o mais.

20 Serpeando regam tudo,  
Claros, frígidos ribeiros,  
Que descem d'altos oiteiros,  
E dentre rochedos nascem.

Todo o ano há primavera:  
Fosse agosto, ou fosse abril,  
As árvores no Brasil,  
Não me lembro que secassem.

5 O seu clima é o mesmo que este,  
Porém muito mais sadio,  
Porque o inverno é menos frio,  
Menos calmoso o verão.

10 Tão benigna a natureza  
Neste país nos costuma,  
Que gozamos sempre duma  
Deliciosa estação.

15 Os campos, minha Marília,  
Sendo, como são, regados,  
Nutrem numerosos gados,  
Sem precisão de pastor.

20 Um só alqueire de milho,  
Na fértil terra plantado,  
Dá duzentos ao cansado,  
Fatídico agricultor.

Temos nas nossas montanhas,  
Inda nas que são mais brutas,  
Saborosíssimas frutas,  
Que poucos conhecem cá.

Nós temos a gabirola,  
O araticum, a mangaba,  
A boa jabuticaba,  
O saboroso araçá.

5 O rugado jenipapo,  
A guaiaba, o bom caju,  
Pitanga, azedinha,ambu,  
Cambucá, bacupari.

10 Os juazes excelentes,  
Coco-espinho, jambo, angá,  
Temos o mandapuçá,  
Marmelada e murici.

15 A silvestre sapucaia,  
As bananas, os mamões,  
Limas-da-china, limões,  
Temos manga e jatobá.

20 Temos a fruta-de-conde,  
Grumixamas delicadas,  
E temos posto em latadas  
Munoso maracujá.

Temos ata, jaca, cocos,  
Cabacinhas amarelas,  
Ananás e outras belas  
Frutas do mesmo país.

Isto junto ao gênio dócil  
Da fiel, brasília gente,  
Faz uma idade excelente,  
Produz um tempo feliz.

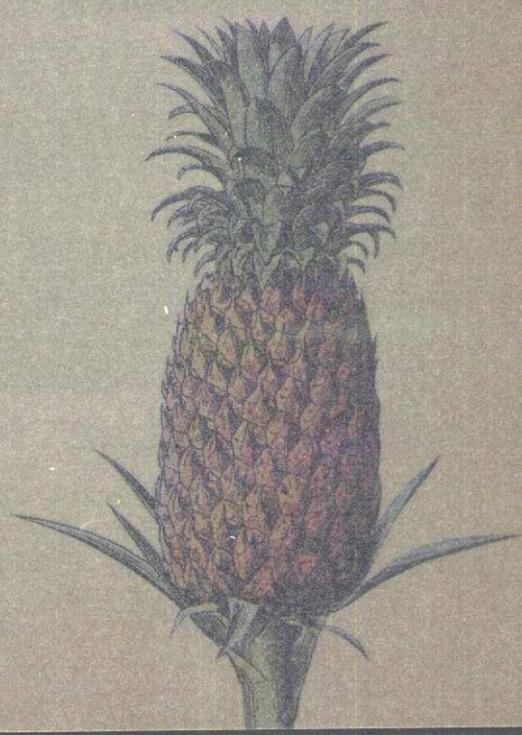
5 São fartas as nossas terras  
De palmitos, guarirobas,  
Coroá cheiroso, taiobas,  
E bolos de carimãs.

10 Destes bolinhos, Marília,  
Usam muito aqueles povos,  
Fazendo um mingau com ovos,  
Quase todas as manhãs.

15 Temos o cará mimoso,  
Temos raiz de mandioca,  
Da qual se faz tapioca,  
E temos o doce aipim.

20 Temos o caracté,  
Caraju, cará-barbado,  
O inhame assalvado,  
A junça, o amendoim.

Mangaritos redondinhos,  
Batatas-doces, andus,  
Quiabos e carurus,  
De que se fazem jambês.



Temos quibebe, quitutes,  
Moquecas e quingombôs,  
Gerzelim, bolos d'arroz,  
Abarás e manauês.

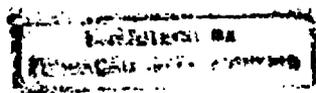
5 Temos a canjica grossa,  
Pirão, bobôs, carajés,  
Temos os jocotupés,  
Ora-pro-nóbis, tutus.

Também fazemos, em tempo  
10 Do milho verde, o corá,  
Mujanguês e vatapá,  
Pés-de-moleque e cuscuz.

Os rios que há lá mais ricos,  
Marília, eu te vou dizer,  
15 Se os não chegares a ver,  
Ao menos sabes quais são.

A Jiquitinhonha é um,  
Rio do Sono, Abaeté;  
Porém maior que estes é  
20 O que passa em São Romão.

Há sítios em que é mais largo  
Que a distância de três milhas,  
Basta dizer que tem ilhas  
Que dão pasto para os gados.



São tão fecundas de frutos,  
Na estação de vários meses,  
Que nutrem porcos monteses,  
Antas, lobos e veados.

5 Temos o rio das Contas,  
Temos o rio da Prata,  
Que em vários sítios se trata  
Pelo rio Paracatu.

10 Temos a Paraibuna,  
Vizinho da Paraíba,  
E temos a Parnaíba,  
E o rio Peruaçu.

15 Temos o rio das Velhas,  
Que passa por Sabará,  
E o rio Preto, que está  
Vizinho ao Araçuaí.

20 Do alto monte do Itambé,  
Morada de chuva e frios,  
Nascem alguns sete rios,  
Além do Capivari.

Temos o rio das Mortes,  
O prudente rio Verde,  
Porém neste ninguém perde  
Nem vida, nem cabedal.

Sonolento faz seu giro,  
Não há quem dele se queixe,  
É riquíssimo de peixe,  
E por manso não faz mal.

5 Há no Serro o rio Pardo,  
E há outro, Tijucuçu,  
Rio Escuro em Paracatu,  
Urucuia em São Romão.

Torno ao Serro, e mostrarei  
10 Que um rio Inhacica há,  
E a Paracatu, onde está  
De São Pedro o ribeirão.

O rio Doce lá temos,  
Que está contíguo ao Gentio,  
15 E temos no Serro Frio  
O Inhaí e a Paraúna.

O Fanado é em Minas Novas,  
E perto de Macaúbas,  
Rio Jabuticatubas,  
20 Rio Manso e rio Duna.

Temos o rio das Guardas,  
O da Areia, o Borrachudo,  
Que corre tranqüilo e mudo,  
E temos o Andaiá.

Temos o rio dos Tiros,  
O rio Jequitá,  
E o rio de Petanqui,  
O qual se chama o Pará.

5 Há certo monte, Marília,  
Junto à comarca do Serro,  
Que tem em si prata e ferro,  
Mesmo em cima do seu cume.

10 E no Itacambiruçu,  
Junto à diamantina serra,  
Se faz extrair da terra  
Excelente pedra-ume.

15 Há salitre em abundância,  
Barro para louça, cal,  
E extrai-se da terra sal,  
Nalguns sítios do sertão.

20 Duma cor como a da ganga  
Da Índia que nós cá vemos,  
Dessa mesma cor lá temos,  
No seu casulo, algodão.

Vamos, Marília, observar  
Outras muitas produções  
Daqueles vastos sertões,  
Por onde em soldado andei.



Se eu contigo for feliz,  
E ambos nos formos embora,  
Quanto aqui te pinto agora  
No Brasil te mostrarei.

5 Tu verás naqueles campos  
Grande número de emas,  
Verás cantar seriemas,  
Verás negros urubus.

10 Verás os pombos astutos,  
E verás outra perdiz,  
Diferente codorniz,  
E verás roxos nhambus.

15 Verás um pássaro lindo,  
Todo de peito amarelo,  
Cujo canto é muito belo,  
Porque explica: *bem-te-vi*.

20 Grande tucano verás,  
Que tem palmo ou mais de bico,  
Verás ave que diz: *tico*;  
E verás o araçari.

Gordo, cinzento macuco,  
O jacutinga, o jacu,  
O noturno curiangu,  
O diferente pavão.

Verás encarnada arara,  
Outra azul, mexeriqueiras,  
Que são assaz chocalheiras  
Em todo o nosso sertão.

5 Verás nas nossas lagoas  
Colhereira cor-de-rosa,  
A branca garça formosa,  
O tristonho jaburu.

10 Verás ave que não voa,  
Sem correr um longo espaço,  
Tem bico de ferro e aço,  
O seu nome é tuiuiú.

15 Tu verás rolinha azul,  
E outras mais que nunca viste,  
E ouvirás a pomba triste,  
Dizendo que *só ficou*.

20 Verás rolinha cinzenta,  
Que airosamente passeando,  
Anda coas outras cantando  
Mesmo assim: *fogo pagou*.

Os papagaios verás,  
E de muitas qualidades,  
E outras variedades  
D'aves e feras também.

Tu verás o João-de-barro  
A sua casa arranjar,  
Onde ele deve morar  
Coa família e mais ninguém.

5 Verás negra caraúna,  
Curicaca e sabiá,  
Que imita ao melro de cá,  
Só no canto, não na cor.

10 Verás catinguento guache,  
Abrir um leque amarelo,  
Verás o canário belo,  
E o pequeno beija-flor.

15 Tu verás sabiacica,  
A juriti, zabelê,  
Nos mesmos sítios em que  
Às vezes anda o mutum.

20 Verás socó-boi, marrecas,  
Nos lagos do campo ou mato,  
Os maçaricos, o pato,  
Narcejias, carriça, anum.

Eu, Marília, em Salvaterra  
Das aves na casa entrei,  
E com vagar observei  
O feitio dos falcões.

Todos têm bico revolto,  
Unhas e dedos compridos,  
E são muito parecidos  
Com os nossos gaviões.

5 Temos ave no Brasil,  
Que ao galcirão se figura,  
É o seu nome saracura,  
E nos pântanos habita.

10 Temos o jaó mimoso,  
O minhoto, ave rasteira,  
A saborosa capoeira,  
Que a perdiz de cá imita.

15 Uma ave pequena temos,  
Que viúva se apelida,  
Anda de luto vestida,  
Traz capelo e diz: *viúva*.

20 Nos lugares mais sombrios  
Comumente é onde assiste,  
Observa-se sempre triste,  
Haja sol, ou haja chuva.

Com um pássaro pequeno,  
Marília, se viajamos,  
Todos nós nos enganamos,  
Ao qual chamam ferrador.



Com tão grande força bate,  
 Que na verdade figura  
 Que atarraca a ferradura,  
 Pois faz o mesmo estridor.

5 Temos pássaro que entoa  
 Por mil diferentes modos,  
 Porque ele arremeda a todos,  
 Seu próprio nome é corrixo.

10 Tem encontros amarelos,  
 E são pássaros pequenos;  
 Serão pouco mais, ou menos,  
 Do tamanho dum cochicho.

15 Supersticiosas velhas,  
 Das que benzem do quebranto,  
 Escondem-se ouvindo o canto  
 D'ave chamada caumã.

20 E dizem a outras tais,  
 Que as caumãs e os besoiros  
 Anunciam maus agoiros,  
 Quando se ouvem de manhã.

Naquelas matas espessas  
 Há ferozes animais,  
 Eu te dou deles sinais,  
 E das suas condições.

Quatro qualidades d'onças  
Nós temos, e temos lobos,  
Propensos a fazer roubos,  
Pois são do gado os ladrões.

5      Entre estas diversas onças,  
Há nelas diversas cores,  
Porém todas são maiores  
Que o cruel lobo traidor.

10     É parda a suçuarana,  
Porém mais destra em ciladas,  
Há duas que são pintadas,  
E o tigre de negra cor.

15     Ao que cá se chama gamo,  
Lá é veado-campeiro,  
Há outro que é catingueiro,  
Outro chamado virá.

20     Há raposa, há papa-mel,  
E há do campo e do mato,  
De negras mesclas um gato,  
Chamado maracaiaá.

Temos o caitatu,  
O tiririca, o queixada,  
Os quais deixam destroçada  
A planta ao agricultor.

Também faz mil prejuízos  
O astuto macaco, a anta;  
Porém o porco é da planta  
O pior perseguidor.

5 Temos dois tamanduás,  
Um bandeira, outro mirim,  
Temos o mono, o saugüim,  
O gambá e a capivara.

10 Há outra onça pequena,  
Que é do tamanho dum cão,  
E há também pelo sertão  
A grande suçupara.

Há mocós, há percás,  
Há quatis e há cutia,  
15 Há paca, que foge ao dia,  
Jeriticaca e tüü.

Temos menor que o sagüim,  
Um tal caxinganguelê,  
Que raras vezes se vê,  
20 Camaleão e tatu.

Temos animal felpudo,  
De curtos nervosos braços,  
Que enquanto dá só dois passos,  
Pode um homem dar três mil.

Maldito este bicho seja,  
Que tão mau costume tem,  
Pois dele o nome nos vem  
Da preguiça do Brasil.

5 Também, Marília, lá temos  
Cobras muito venenosas,  
E por isso assaz danosas  
A tudo quanto é vivente.

10 Mas mesmo nos nossos matos,  
Nos nossos campos amenos,  
Temos contra estes venenos  
O antídoto excelente.

15 Lá temos cobra que engole  
Um veado, tendo fome;  
É anfíbia; e o seu nome  
É: o grande sucuriú.

20 O cascavel venenoso  
É a que faz maior mal;  
A jreraca coral,  
É o temível surucucu.

Mas estes contrários nossos  
Não 'stão nas povoações,  
São dos incultos sertões  
Os próprios habitantes.

É certo que em Portugal  
 Há lobos, mas não na Corte,  
 Pois também da mesma sorte  
 São aqueles malfcitores.

5 Nos nossos rios, Marília,  
 Há muitas variedades  
 De peixes de qualidades  
 Que em Portugal nunca vi.

10 Temos a peripitinga,  
 O pacu assalvajado,  
 Piranha, bagre, doirado,  
 Piampara e lambari.

15 Temos a curumatá,  
 A traíra, o surubi,  
 A piabanha, o mandi,  
 A corovina, o piau.

20 A escamosa matrinxã,  
 Que no veio d'água alveja;  
 E bem que mais rijo seja,  
 O cascudo não é mau.

Os escravos pretos lá,  
 Quando dão com maus senhores,  
 Fogem, são salteadores,  
 E nossos contrários são.

Entranham-se pelos matos,  
E como criam e plantam,  
Divertem-se, brincam, cantam,  
De nada têm precisão.

5 Mas inda que não criassem,  
Ou que não fizessem roças,  
Benignas, as terras nossas  
Mil silvestres frutos têm.

10 E como eles sejam ágeis,  
Descobrem naquelas matas  
Caraju, cará, batatas,  
E muito mel que há também.

15 Vêm de noite aos arraiais,  
E com indústrias e tretas,  
Seduzem algumas pretas,  
Com promessas de casar.

Elegem logo rainha  
E rei, a quem obedecem,  
Do cativoiro se esquecem,  
20 Toca a rir, toca a roubar.

Eis que a notícia se espalha,  
Do crime e do desacato,  
Caem-lhe os capitães-do-mato,  
E destroem tudo enfim.

Ora aí vem o pobre preto,  
Entre cordas, preso e nu,  
Vão-lhe os bacalhaus ao c...  
E o seu reino acaba assim.

5 Os índios daqueles matos,  
Por outro nome, o gentio,  
Andam nus na calma e frio,  
Do tempo não se lhe dão.

10 Não têm casas, não fabricam,  
Vivem da caça e dos roubos,  
São piores do que os lobos,  
Peiores que as cobras são.

15 A uns chamam botícudos,  
A outros chamam xavantes,  
Que são no valor constantes,  
Os que não são caiapós.

São os caiapós traidores,  
Porém assaz timoratos,  
E há também nos nossos matos  
20 Macunis e bororós.

Não têm rei, porém respeitam  
Entre si um maioral,  
Que traz um penacho, ao qual  
Dão o nome de cacique.

Quando uns com outros guerreiam,  
Este os comanda, este os rege;  
E pensando que os protege,  
Fiam dele o seu despique.

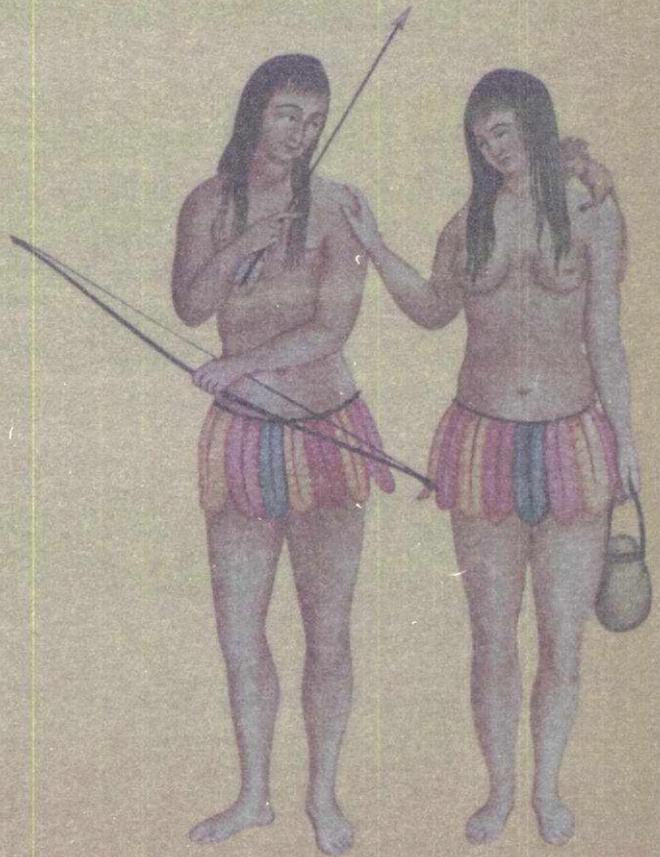
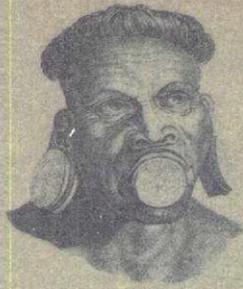
5 Logo que a gentia pare,  
Haja calma, ou haja frio,  
Mete-se toda no rio,  
E o tenro filho também.

10 Este banho é-lhe saudável,  
Do vento não se reserva,  
Assim vive e se conserva,  
Assim nutre e se mantém.

15 A este mesmo boticudo  
Dão o nome de emboré,  
Há capaxó, o qual é  
Sempre oposto aos malalis.

20 O panhame e o mariquita  
Giram por diversos matos,  
Há puris e há croatos,  
Monaxós, maxacalis.

Os boticudos, Marília,  
Têm beijo e nariz furado;  
E nele têm pendurado  
Grande pedaço de pau.



Se gigantes haver podem,  
Estes os gigantes são,  
Têm forças, e coração  
Inexorável e mau.

5 Deixa explicar-te, Marília,  
Quais são daqueles países  
As virtuosas raízes  
E óleos medicinais.

E depois te contarei,  
10 Se me deres atenção,  
Para que remédios são  
Os seguintes vegetais.

Para o gálico é a salsa,  
Remédio há muito aprovado,  
15 E aplica-se ao constipado  
Raiz de carapiá.

A casca d'anta, a chapada,  
Para dores de barriga,  
Diz a gente mais antiga  
20 Que melhor que elas não há.

Também é muito excelente  
A butua nova, a bicuíba,  
O óleo de copaíba,  
Fumo-bravo e fedegoso.

O barbasco, o jeribão,  
A vassourinha miúda,  
Congonha, caroba, arruda,  
E o velame precioso.

5 Temos a língua-de-vaca,  
Que é duma folha comprida,  
A qual posta sobre a frida  
É remédio especial.

10 A erva-santa-maria,  
Quente e posta sobre a dor,  
Tem virtude superior,  
Não há outra a ela igual.

15 Temos o cipó-de-chumbo,  
Temos figueira terrestre,  
O pau-terra e as frutas deste  
Remédio do beijo são.

20 Temos abôbora-do-mato,  
Trapoiraba, erva-do-bicho,  
Que se aplica por esguicho  
Aos que sentem corrupção.

O nhambu, erva rasteira,  
Dá um botão amarelo,  
Que é remédio muito belo  
Para o dente que nos dói.

O mesmo dente o mastiga;  
 E aquele suco excelente  
 O faz sarar de repente,  
 E a podridão lhe destrói.

5 Nós temos mamona branca,  
 Temos almécega fina,  
 Que é uma espécie de resina,  
 Mas dum cheiro especial.

10 *Posta em parchos junto aos olhos,*  
 Quando nos dói a cabeça,  
 Sua virtude depressa,  
 Pronto alívio nos vai dar.

15 Virtuosa epicacuanha,  
 Cujo nome é bem notório,  
 É purgante, e é o vomitório  
 Do Brasil todo em geral.

20 Barbatimão para banhos:  
 É a experiência nos ensina  
 Que, contra a febre malina,  
 A capeba é cordial.

Corpulento, alto coqueiro,  
 Produz o nosso sertão,  
 Dá cortiça, e lá lhe dão  
 O nome de buriti.

Do feitio da romã,  
Silvestre fruta lá temos,  
A qual cozida comemos,  
E lhe chamamos pequi.

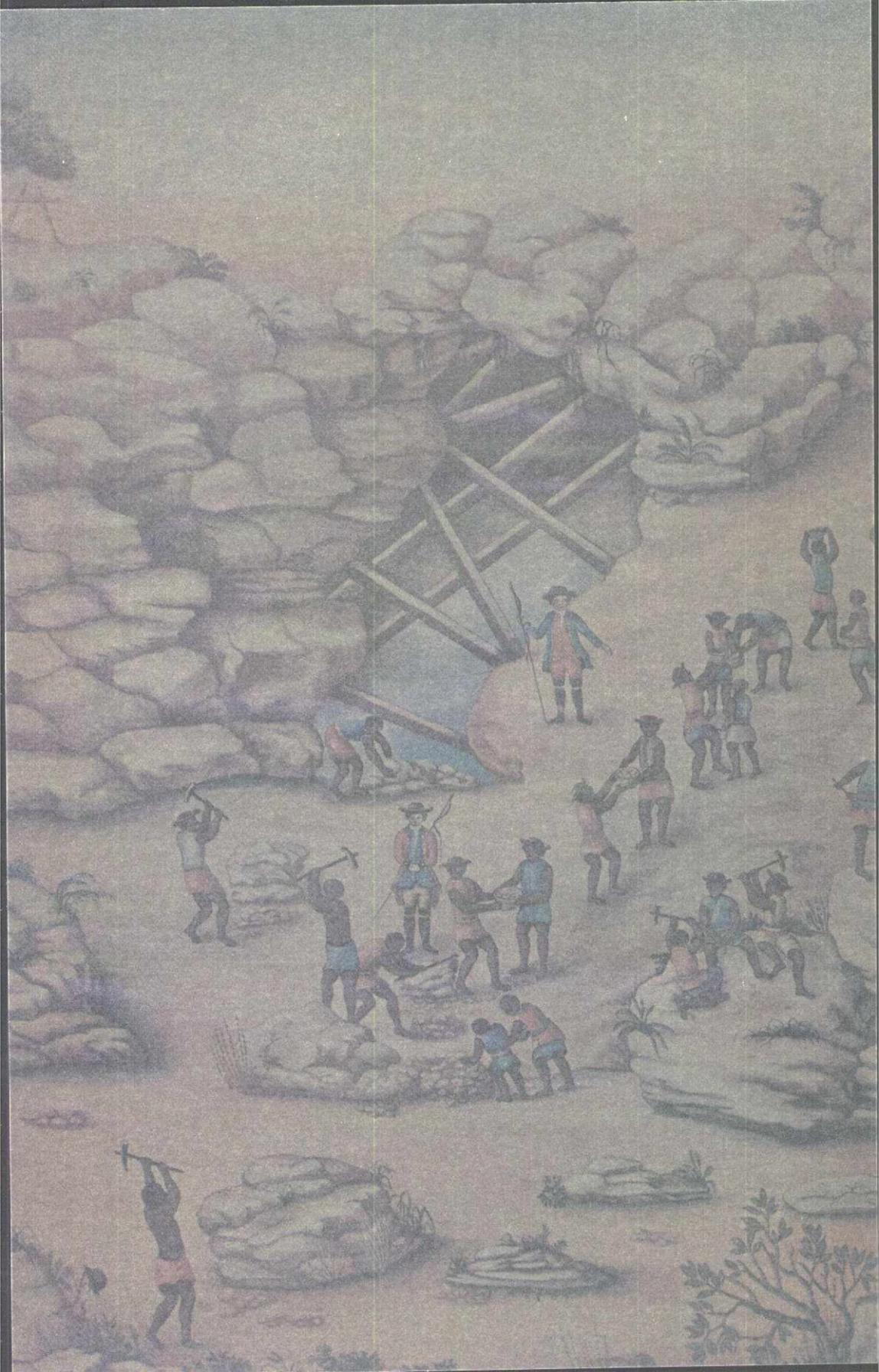
5      Anda, vamos ver, Marília,  
De Portugal o tesouro,  
Vem ver a extração do ouro,  
Vem ver de tudo a extração.

10     Vem ver fabricar o açúcar,  
Os engenhos de pilar,  
Verás também fabricar  
Alvo, macio algodão.

15     Verás extrair da terra  
As safiras, os brilhantes,  
Os rubins, os diamantes,  
Produções de alegres vistas.

20     Verás o ígneo topázio,  
A grisolita amarela,  
A esmeralda verde e bela,  
Verás roxas amatistas.

Os pingos-d'água cascudos;  
E verás outras pedrinhas,  
Chamadas águas-marinhas,  
Que são azuis, por sinal.



Lá verás também granadas,  
Pingos doutras qualidades,  
E verás mil raridades  
No interior do cristal.

5      Todas estas produções,  
Há, Marília, no Brasil,  
Mas além destas há mil,  
Que com mais vagar direi.

10     Só posso afirmar-te agora  
Que os fiéis patrícios meus  
Adoram no Céu a Deus,  
E adoram na terra ao Rei.

15     E que as águas, peixes, campos,  
Pedras, frutas, oiro, prata,  
E o mais que aqui se retrata,  
De indizíveis cabedais,

20     Nada tem tanto valor  
Como a fiel produção  
Dum sincero coração,  
Que te adora sempre mais.

Que nele moras e vives,  
Eu te posso segurar,  
Já nasceu para te amar,  
Para te servir nasceu.

Cumpre-te agora, Marília,  
A grata correspondência  
De dar sempre preferência  
A um coração como o meu.

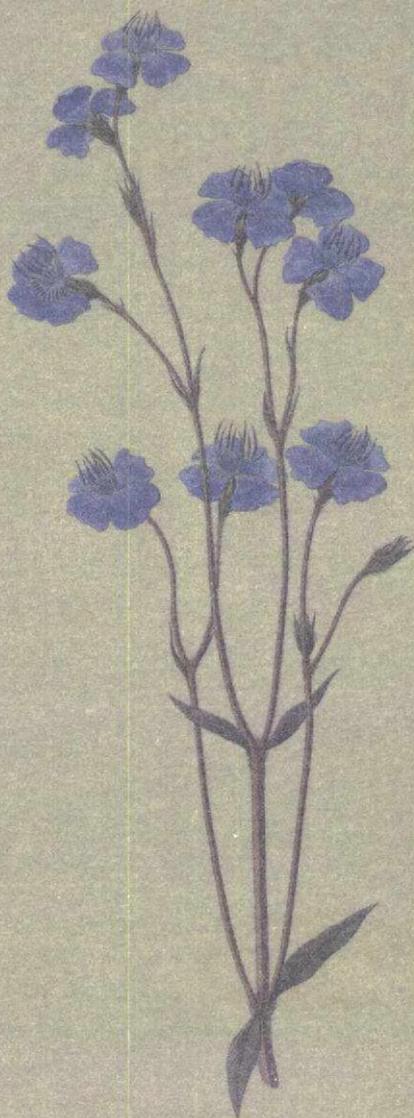
5 Se o Real Regente Augusto  
Fosse honrar nosso país,  
Faria ao Povo feliz,  
E o seu Império faria.

10 No lugar mais precioso,  
Das brasílias regiões,  
Ou dos nossos corações,  
Um trono se lhe ergueria.

15 Mas se ele não quer piedoso,  
Cheio d'alta Majestade,  
Ir ver na nossa amizade  
O mais inocente amor.

20 Vamos, Marília, gozar-nos  
Dum país que julgam bravo,  
Que bem pode o bom escravo  
Servir de longe ao Senhor.





## NOTAS - JOAQUIM JOSÉ LISBOA

5 Pág. 29, v. 9. *Campos nativos*. Porque são desde o seu nascimento campos, e os seus vegetais são da mesma natureza, porque nenhum dos desta qualidade produz nos matos virgens, e assim mesmo sucede aos vegetais dos matos virgens, que não produzem nos campos.

Pág. 30, v. 8. Quando na capitania de Minas Gerais é tempo frio, não chove; e quando é tempo de calma, então é propriamente o tempo da chuva; e por isso o inverno é menos frio, e menos calmoso o verão.

10 Pág. 30, v. 16. A maior parte dos campos, e ainda dos matos, são regados com os inumeráveis rios, ribeiros e regatos que há naquele país, e pela vastidão dos campos que há, e numerosos gados, andam estes dispersos e sem pastor.

15 Pág. 30, v. 17. Os matos virgens dão por cada alqueire de milho duzentos, e outros mais, e só não produz tanto a terra já por mais vezes agricultada, e por este motivo cansada.

Pág. 31, v. 1. A gabirola é uma fruta pequena, bem como uma ginja, porém é amarela quando madura; tem um doce misturado com azedo, que lhe dá excelente gosto.

20 Pág. 31, v. 2. A araticum é do feitio dum pião: o caroço que tem é coberto de uma massa branca que se come, e é silvestre.

Pág. 31, v. 2. A mangaba também é silvestre; é fruta que tem leite como os figos estando verdes; é muito saborosa, e dela se faz excelente doce.

25 Pág. 31, v. 3. A jabuticaba é silvestre, e é uma das melhores frutas que tem o Brasil, não só pelo gosto especial que tem, mas porque, inda que se coma grande quantidade, não faz mal: é do tamanho de um abrunho, porém tem a pele mais fina e luzidia; esta fruta está agarrada ao tronco desde o princípio dele até a última rama, de sorte que todo o tronco é uma fruta; e se, por fraca a terra, deixa em  
30 alguma parte ver a raiz, nesta mesma se vê fruta; dela se faz bom vinagre e boa aguardente.

Pág. 31, v. 4. O araquá também se parece com a gabirola, de que já dei sinais.

35 Pág. 31, v. 5. O jenipapo é uma fruta do tamanho de um limão grande, e do mesmo feitio; fica engelhado quando amadurece; tem um cheiro catiguento, mas não desagradável; come-se simples, mas o melhor é com açúcar ou mel de abelhas; também é silvestre, e só produz nos sertões da capitania de Minas Gerais ou em outro qual-  
40 quer clima quente.

Pág. 31, v. 6. A guaiaba é do feitio de uma pêra; é amarela por fora e encarnada por dentro; melhor é o doce que a fruta; tem caroços miúdos e é silvestre.

Pág. 31, v. 6. O caju não é tão boa fruta para se comer, como  
45 para limonadas e para doce.

Pág. 31, v. 7. A azedinha é silvestre; é amarela e é muito sumarenta; é do tamanho de um abrunho, porém é chata.

Pág. 31, v. 7. A pitanga é doméstica e é do mesmo feitio da azedinha; porém, se aquela é amarela em madura, esta é carmezim e  
50 tem muito diferente gosto.

Pág. 31, v. 7. Ambu é uma fruta silvestre de que se faz excelente doce, que se encaixota ou se envolve em palhas, como se faz aos tijolos de guaiaba; a produção das árvores desta fruta é quase sempre pelas margens do rio de São Francisco.

55 Pág. 31, v. 8. O cambucá assemelha-se no gosto à jabuticaba, porém é amarelo e dá cachos.

Pág. 31, v. 8. O bacupari é do tamanho de um damasco, mas tem a casca vidrenta como a da noz; e mesmo enquanto está verde, tem por dentro uns grandes bagos que se comem e tem caroço.

60 Pág. 31, v. 9. Os juazes são do feitio das pimentas redondas que há no Brasil; porém, quando estão maduros, uns são amarelos, outros encarnados; são belíssimos de gosto; são silvestres, e a sua árvore é espinhosa.

Pág. 31, v. 10. Os cocos-de-espinho também se chamam  
65 macaúbas: são muito redondos, têm uma massa dentro da casca, que se come; desta mesma massa se faz excelente azeite para se alumiar; e por baixo desta massa está o coco, que também se come, e igualmente

se faz dele o mais saboroso azeite, que serve de tempero. Também se  
 faz deste coco o mais cheiroso sabão, em que se fazem grandes somas  
 70 de dinheiro. Tem a sua árvore grandes espinhos, e é muito alta.

Pág. 31, v. 10. O jambo também é do tamanho de um damasco,  
 pouco mais ou menos; não é muito saboroso, mas à proporção que o  
 mastigamos o nosso olfato se enche de um cheiro de rosas.

Pág. 31, v. 10. O angá é do feitio de uma fava; tem dentro uns  
 75 caroços cobertos com uma massa tão doce como açúcar e tão branca  
 como o algodão purificado; e tanto se assemelha, que até parece ter  
 um pêlo levantado; esta árvore produz quase sempre nas margens dos  
 rios, e há de várias qualidades.

Pág. 31, v. 11. O mandapuça é quase o mesmo que o bacu-  
 80 pari, e é silvestre.

Pág. 31, v. 12. A marmelada é também do tamanho de uma  
 jabuticaba; é quase da mesma cor; enfastia por muito doce, e é silvestre.

Pág. 31, v. 12. O murici é fruta que só produz nos campos  
 nativos; é pequena como a ginja, mas é amarela; cheira muito, e a sua  
 85 folha tem um pêlo alvadio: os veados-campeiros comem esta fruta e  
 gostam muito dela.

Pág. 31, v. 13. A sapucaia é pouco menor que um coco, mas  
 muito rija; tem dentro amêndoas de tão excelente gosto, que se  
 assemelham muito às amêndoas de Portugal.

Pág. 31, v. 14. O mamão é fruta doméstica; é muito saboroso e  
 90 muito fresco; faz-se dele excelente doce; as bananas bem conhecidas são.

Pág. 31, v. 15. As limas-da-china são da cor das laranjas; são  
 mais sumarentas que as limas amarelas, e mais doces.

Pág. 31, v. 16. A manga tem o cheiro quase como o do  
 95 ananás, e é saborosíssima.

Pág. 31, v. 16. O jatobá é uma fava que tem pouco mais ou  
 menos um palmo de comprida, e tem a grossura do vão que faz a  
 ponta do dedo maior da nossa mão, unido à ponta do dedo polegar.  
 Tem a casca mais rija que a da noz, cuja casca é da cor da castanha.

100 Tem dentro dous ou três caroços envoltos em uma farinha amarela, e  
 o lugar que não tem caroços também está cheio desta farinha, a qual  
 se come.

Pág. 31, v. 17. A fruta-de-conde é do feitio de uma pinha, mas  
105 uma pinha de branda casca, que se quebra à mão: dentro tem uns  
bagos que se comem, e são muito saborosos, e muito doces.

Pág. 31, v. 18. As gurumixamas assemelham-se muito às jabu-  
ticabas.

Pág. 31, v. 20. O maracujá é uma fruta do tamanho de um  
limão grande; tem a casca grossa, porém branda, e dentro, no vão que  
110 faz, há uma calda doce, misturada com azedo, que agrada sobremodo;  
nesta calda estão envoltos uns pequenos caroços, os quais insensivel-  
mente se engolem, porque escorregam; esta fruta é uma das melhores  
que há no Brasil, porque também se faz dela excelente doce.

Pág. 31, v. 21. A ata é o mesmo que a pinha, e muito seme-  
115 lhante à fruta-de-conde.

Pág. 31, v. 21. A jaca é uma fruta grande, como um grande  
melão; tem dentro grandes bagos que se comem; há jaca dura e mole,  
mas a dura é melhor. Os cocos bem conhecidos são cá, e a sua árvore  
é muito alta e muito direita.

120 Pág. 31, v. 22. As cabacinhas são silvestres, e são do feitio  
duma pêra delgada e comprida; têm um pêlo como o do pêsego,  
porém mais alto; têm excelente gosto, porque também mistura um  
azedinho com doce, e cheiram muito.

Pág. 31, v. 23. O ananás bem conhecido é cá, ainda que no  
125 gosto nada se parece com o do Brasil.

Pág. 32, v. 6. O palmito é o âmago da palmeira na sua extre-  
midade; faz-se dele excelentes guisados. A guariroba também é palmito,  
mas doutra qualidade, porque tem amargo, e o outro é doce.

130 Pág. 32, v. 7. Coroá é uma fruta que tem três palmos, pouco  
mais ou menos, de comprida; é encarnado, cheira muito e dá-se aos  
obstrusos para a comerem em uso de remédios.

Pág. 32, v. 7. Taioba é uma erva rasteira, mas tem a folha tão  
larga como um grande chapéu desabado, a qual dá uma batata que se  
come, e também se comem as sua folhas com carne ou peixe.

135 Pág. 32, v. 8. Os bolos de carimãs são feitos da massa da  
mandioca.

Pág. 32, v. 11. Mingau é o mesmo que caldo, mas muito grosso.

- Pág. 32, v. 13. O cará também é espécie de batata, mas menos doce, e muito branco.
- 140 Pág. 32, v. 14. Mandioca é a raiz de que se faz farinha-de-pau, e dela mesmo se faz a tapioca; esta raiz é venenosa; mas indo ao forno ralada, já depois de se extrair o suco, não faz mal.
- Pág. 32, v. 16. Aipim é raiz como a da mandioca, porém muito mais doce; come-se assado ou cozido, e guisado na panela da
- 145 vaca; e sabe propriamente à castanha de Portugal.
- Pág. 32, v. 17. O caracté, caraju, cará-barbado, o inhame e os mangaritos são tudo espécie de batatas, mas com diferentes gostos e feitios.
- Pág. 32, v. 20. A junça é do tamanho do grão; é do mesmo
- 150 feitio e da mesma cor, porém come-se crua; é doce e saborosa; e o amendoim bem conhecido é em Portugal.
- Pág. 32, v. 23. O quiabo é um legume que se come e escorrega muito; carurus são ervas que se comem; jambê é guisado, e o mesmo são quibebes, quitutes, moquecas, quingombôs, bolos, abarás, manauês,
- 155 canjica grossa, que é o milho pisado, pirão, bobôs, carajés, que são bolos feitos de feijões. Os jocotupés são como batatas, mas comem-se crus e em doces.
- Pág. 33, v. 8. Ora-pro-nóbis é erva que se come com carne ou com peixe; tutus são feitos dos feijões.
- 160 Pág. 33, v. 10. O corá é feito do leite que se extrai do milho verde, e é quase um creme.
- Pág. 33, v. 11. Mujanguê é guisado, e vatapá o mesmo.
- Pág. 33, v. 12. Pés-de-moleque é o mesmo que alcomonia.
- Pág. 33, v. 17. O rio Jequitinhonha é diamantino, e se tem
- 165 extraído dele inumeráveis diamantes, e é rio de uma riqueza inexaurível, segundo a experiência tem mostrado.
- Pág. 33, v. 18. O rio do Sono e Abaeté também são diamantinos, mas não tão ricos como a Jequitinhonha.
- Pág. 33, v. 20. O rio de São Francisco é o que passa em São
- 170 Romão, que é um julgado: este rio tem grandes ilhas, principalmente uma que confronta com o arraial, porque serve de pasto para os cavalos de Sua Magestade; há nele muito veado, coelhos e outras

qualidades de feras e aves. Este rio é muito largo, e muito abundante de peixe.

175 Pág. 34, v. 13. O rio das Velhas tem sido muito rico de ouro; atravessa Sabará, que é uma vila, e faz barra no rio de São Francisco.

Pág. 36, v. 5. Dum monte dos do Serro Frio extraiu o doutor José Vieira Couto prata e ferro; e, purificando-o, o fez remeter o excellentíssimo Bernardo José de Lorena a S. A. R. o Príncipe Regente

180 Nosso Senhor.

Pág. 36, v. 9. O Itacambiruçu é rio diamantino; foi riquíssima de diamantes a serra que ele banha; junto a ela se tem extraído muita quantidade de pedra-ume, e a há por muitos sítios do Brasil.

185 Pág. 36, v. 13. Há muita abundância de salitre em quase todo o Brasil, e principalmente junto ao rio do Sono. Também há excelente barro para louça, e dele temos usado no Brasil, e há grandes fábricas de louça. Também há cal e sal da terra, cuja extração é no sertão chamado as salinas, e em outros sítios.

190 Pág. 36, v. 17. Temos algodão no seu mesmo casulo, já cor da ganga açucarada; e há outro que no casulo mesmo é azul.

195 Pág. 37, v. 6. As emas, bem conhecidas em Portugal, põem todos os ovos num só ninho, e um dos machos é que os choca: se, por exemplo, tem de chocar trinta ovos, choca só vinte e sete e deixa três de reserva, para deles exigir o sustento dos filhos enquanto não podem andar. Logo que os filhos saem da casca, quebra um dos ovos e, derramando ao pé de si a clara e gema, acode logo grande número de moscas, as quais vão servindo de sustento aos filhos; no outro dia faz o mesmo, e quando se acabam os ovos, que é o quarto dia, já os filhos o podem acompanhar; e, incorporando-se então às outra emas, 200 os vão sustentando, até que eles o possam por si fazer.

Se enquanto aquela ave choca aqueles ovos succede haver fogo no campo, correm todas as outras ao lugar do ninho e, apanhando com o bico em torno dele o feno que pode ser prejudicial, não deixam matéria alguma em que o fogo se possa alimentar para lhe chegar e, correndo ao ribeiro mais vizinho, banham-se e, tornando ao sítio do ninho, borrarifam o lugar em que apanharam o feno com a água que 205 nas plumas trazem, e por este modo defendem os ovos das chamas.

Estas aves não voam porque são muito grandes, e as suas asas não têm a proporção necessária ao corpo para poderem voar, mas a sua carreira equivale ao vôo; têm por baixo das asas dous esporões, com que se picam para lhes servir de estímulo, quando querem aumentar a carreira, vendo-se perseguidas da gente, ou dos cães e onças: são profficuas, porque comem as cobras.

210 Pág. 37, v. 7. Seriemas são quase da mesma espécie, porém pequenas: são cinzentas, têm as pernas vermelhas, e voam.

Pág. 37, v. 8. Urubus são as aves mais feias e tristes que há no Brasil; basta dizer que não entoam canto algum; o seu sustento quase sempre é carne podre; metade do pescoço, do meio para a cabeça, não tem penas, e mostra negras rugas pelo lugar implume; também há urubus brancos.

220 Pág. 37, v. 9. Os pombos-trocazes são muito grandes, principalmente os que têm encontros das asas brancos; e há mais de dez ou doze qualidades de pombas.

Pág. 37, v. 10. A perdiz equivale a duas de si, e é diferente em tudo; a codorniz também é diferente, e é quase do tamanho da perdiz de cá, e há codornizes de três qualidades.

Pág. 37, v. 12. Os nhambus são do mesmo tamanho da codorniz, porém diferentes na cor, e nas pernas, e bico, porque os têm vermelhos; mas os nhambus de mato virgem são muito maiores que estes dos pés vermelhos, e são quase cor de cinza em alguns sítios.

230 Pág. 37, v. 16. O bem-te-vi é um pássaro que se chama assim mesmo, porque canta pronunciando o seu nome.

Pág. 37, v. 17. Os tucanos são pássaros que têm um grande bico, e há tucanos de quatro qualidades.

235 Pág. 37, v. 19. O tico é um passarinho do tamanho dum pardal; quando canta, diz mesmo: *tico*.

Pág. 37, v. 20. O araçari também é tucano, mas doutra qualidade.

Pág. 37, v. 21. O macuco é uma ave do tamanho dum galo; 240 tem a carne como a da galinha; é cinzento e só habita em matos virgens.

Pág. 37, v. 22. O jacutinga é do tamanho de uma galinha grande, e o jacu também; porém, há diferença na cor, porque a pena

do jacu é avinagrada, e a do jacutinga é negra, e tem os encontros das  
asas brancos, e penacho também de penas brancas.

245 Pág. 37, v. 23. O curiangu é ave noturna; põe-se adiante dos  
cavalos quando viajamos à noite e, vendo que o cavalo se vai chegando  
a ele, torna a voar, e põe-se a curta distância, dizendo no seu modo de  
cantar: *curiangu*.

Esta mesma ave diz outras vezes: *João corta pau*, mas isto é de  
250 *madrugada*.

Pág. 38, v. 1. As araras bem conhecidas são em Portugal. As  
mexeriqueiras são aves que habitam sempre ao pé das lagoas dos  
sertões do Brasil; apenas avistam gente, põem-se a gritar muito tempo  
e muito alto, para que todas as outras aves e animais quadrúpedes  
255 daquele sítio o saibam para fugirem. Não há caçador que lhes não  
tenha raiva, porque elas deste modo afugentam a caça.

Pág. 38, v. 6. A colhereira é ave aquática: é do tamanho de  
uma perua, e é toda cor-de-rosa, e tem o bico do feitio duma colher  
chata.

260 Pág. 38, v. 7. A garça é quase do mesmo tamanho, mas toda  
branca.

Pág. 38, v. 8. O jaburu está sempre ao pé de alguma lagoa,  
muito triste, como quem pensa em alguma coisa que o penaliza: é  
pouco menor que uma ema.

265 Pág. 38, v. 12. O tuiuiú também é muito grande; tem metade  
do pescoço negro, e quando quer voar dá uma grande carreira para  
receber vento nas asas e poder remontar-se; tem o bico tão forte que  
parece ferro e aço.

270 Pág. 38, v. 13. Há uma qualidade de rolinhas no Brasil que  
são azuis.

Pág. 38, v. 15. A pomba-triste é uma que anda sempre pelas  
matas mais sombrias, e o seu canto é este: *eu só só ficou*, mas com um  
eco muito fúnebre.

275 Pág. 38, v. 20. Há uma rolinha cinzenta, a que chamam lá  
rolinhas-cascavéis, que cantam deste modo: *fogo pagou*.

Pág. 39, v. 1. O joão-de-barro é do tamanho de um melro; é  
de cor lazã; este pássaro, no princípio das chuvas, com os pés e com

o bico, amassa o barro, que lhe é mister para fazer a sua casa, que é do tamanho de uma panela de vintém, pouco mais ou menos, e é do  
 280 feitiço dum forno; a sua casa é sempre em alguma árvore ou no braço  
 dalguma cruz; faz-lhe duas câmaras, uma para ele, outra para a mu-  
 lher, com repartimento à porta do mesmo barro. Quando têm filhos,  
 está a mulher com eles em uma das câmaras; e se alguma ave de ra-  
 285 pina lhe quer comer os filhos, indo a executá-lo, como não cabe pela  
 porta, por lho impedir o repartimento, mete só a cabeça, mas ele e a  
 mulher ao mesmo tempo lhe vão dando bicadas, de sorte que a ave,  
 não podendo resistir-lhe, foge; e deste modo livram os filhos.

Tem este passarinho o instinto de conhecer de que parte hão  
 de reinar os ventos de todos os anos; e por isso tem a cautela de fazer  
 290 sempre a sua casa com a porta da parte oposta, por cuja razão quase  
 todos os anos faz novas casas.

Pág. 39, v. 5. A caraúna é ave aquática; é muito negra e luzidia.

Pág. 39, v. 6. A curicaca também é aquática, mas é pintada, e  
 come-se.

295 O sabiá é pássaro maior que o melro; é um bellissimo cantor.

Pág. 39, v. 9. O guache é um pássaro do tamanho de uma  
 pomba; mas é todo negro e tem a cauda amarela; o seu ninho é pen-  
 durado pelas árvores, e é feito de uns fios semelhantes à estopa; este  
 ninho tem mais de dous palmos de comprimento; o guache lhe faz um vão  
 300 de igual comprimento, e entrando por cima vai-se aninhar embaixo; é  
 muito amigo de laranjas, de bananas e de outras frutas.

Pág. 39, v. 11. O canário é bem conhecido em Portugal.

Pág. 39, v. 12. O beija-flor é o passarinho mais pequeno que  
 há, e alguns são pouco maiores que um grilo; sustentam-se só do mel  
 305 que eles mesmos extraem das flores que o têm.

Pág. 39, v. 13. O sabiacica é verde, e só produz nos matos vir-  
 gens ou em casa, depois que se fazem domésticos.

Pág. 39, v. 14. A juriti é pomba menor que a trocaz. O zabelê  
 é do tamanho da perdiz de Portugal; é excelente caça, e canta pro-  
 310 nunciando o seu nome.

Pág. 39, v. 16. O mutum é quase do tamanho de um peru; é  
 excelente ave para comer.

Pág. 39, v. 17. O socó-boi tem o pescoço muito cumprido; é ave aquática, e as marrecas o mesmo.

315 Pág. 39, v. 19. Os maçaricos são pequenos, mas do mesmo feitio dos de cá.

Pág. 39, v. 19. O pato-bravo lá equivale em tamanho a três de cá, e há um número indizível deles.

Pág. 39, v. 20. As narcejas são o mesmo que as de cá.

320 Pág. 39, v. 20. A carriça é ave pequena como um canário, ou ainda menor; é excelente cantora, e é a sua habitação por entre os forros das casas, pelas paredes e pelos telhados.

Pág. 39, v. 20. O anum é todo negro e feio; canta pronunciando o seu nome, e muitas pessoas o comem, dizendo que é bom para curar de gálico; também há anum branco ou pintado, que se parece muito com a pega de cá.

Pág. 40, v. 4. Os gaviões no Brasil são aves de rapina, e alguns são maiores que o maior falcão cá; há muitos nos sertões da capitania de Minas Gerais. Estes rapinas têm toda a semelhança dos falcões de cá, porque até quando algum caçador anda às perdizes ou codornizes, eles adejando acompanham ao caçador para arrebatarem a perdiz ou codorniz logo que o cão a faz saltar; alguns são felizes com a presa, e a outros succede lhes o que havia succeder à perdiz; também comem cobras, mas por diferente modo das caumãs: as matam, porque pegam nelas com as unhas e, levando-as ao ar, as deixam cair, e tantas vezes o fazem, té que as matam, e então assim as comem.

335 Pág. 40, v. 7. A saracura é muito semelhante aos galeirões, e até é habitadora dos pântanos.

Pág. 40, v. 9. O jaó é quase o mesmo que o zabelê, mas tem diverso cantar.

340 Pág. 40, v. 10. O minhoto é o mesmo que a codorniz de cá, e nos sertões do Brasil também há umas codornizes semelhantes às de cá, a que chamam buraqueiras, porque se metem nos buracos; os caçadores vão então aos buracos onde elas se metem e, metendo-lhes a vareta da espingarda, as sacam com o saca-trapo, quando o buraco não é muito profundo; eu também usava disto, porém deixei de o fazer porque uma vez, na diligência de sacar uma codorniz, fiz sair de

um buraco uma cobra toda raivosa; e o mesmo tem sucedido a outros muitos caçadores.

350 Pág. 40, v. 11. A capoeira é a melhor de todas as aves do Brasil, e é a que se assemelha mais à perdiz de cá.

Pág. 40, v. 14. A viúva é uma ave pequena, tem todas as penas negras, menos a touca ou capelo, que é de branca pluma; tem cauda comprida, e o seu canto é dizendo: *viúva*; assiste sempre pelos  
355 matos mais sombrios.

Pág. 40, v. 24. O pássaro chamado ferrador, que também tem o nome de araponga, é menor que uma pomba, e é todo branco; o seu canto é assemelhado ao eco com que o ferrador de mais rijo braço atarraca a ferradura mais forte, de sorte que se deixa ouvir em mais  
360 distância que a de quatrocentos passos, e é tão próprio, que até figura aquele bater último menos forte com que o ferrador aperfeiçoa a ferradura ou cravo que atarraca.

Pág. 41, v. 8. O corrixo pouco maior é que um pardal; tem todas as penas negras, menos os encontros das asas, que são amarelos; qualquer pessoa que tem um corrixo deve supor que tem todas as  
365 aves, porque ele canta propriamente como todas as que têm ouvido, e por esta prenda tem as primeiras estimações.

Pág. 41, v. 16. A caumã é uma ave grande, e é de rapina; o seu canto é proferindo o seu nome, mas isto muito alto e por longo  
370 tempo; e por isso os supersticiosos a julgam agoureira de grandes males e mortes. Esta ave é oposta às cobras; quando succede ver alguma, tem certa senha que, usando dela, aparece logo outra caumã: repentinamente investem ambas à cobra, por maior que seja, por  
375 diversos lados, escudando-se com uma das asas; quando a cobra se diverte com a que tem em frente, a outra a fere pelo lado oposto e, à proporção que ela se revolta à que a feriu, esta se retira, e a outra a fere já, de sorte que, à canção, matam-na a seu salvo e a comem.

Pág. 42, v. 1. Há onças no Brasil de quatro qualidades; e são seus nomes os seguintes: pintada, canguçu, suçuarana e tigre.

380 Pág. 42, v. 8. Os lobos são muito maiores que os de cá; são de cor parda, e os que têm um friso negro ao correr do espinhaço são muito bravos.

Pág. 42, v. 14. Os veados, chamados campeiros, são semelhantes aos gamos, porém são mais pequenos.

385 Pág. 42, v. 15. O veado-caatingueiro é aquele que habita nas caatingas; caatinga é o mesmo que mato esbranquiçado por falta de vegetação, que os faz escuros.

Pág. 42, v. 16. O virá também é veado, mas muito pequeno; também há outra qualidade de veados, chamados mateiros, que são os  
390 habitantes só dos matos.

Pág. 42, v. 17. A raposa é o mesmo que a de cá.

Pág. 42, v. 17. O papa-mel é como um gato, mas muito negro e mais comprido que o maior gato doméstico.

Este bicho, além de comer quanta galinha pode apanhar, também chucha quanto mel acha pelas colméias.  
395

Pág. 42, v. 20. O maracaiá é gato grande, e certamente é maior que a maior raposa; mata a seu salvo um leitão grande e ainda uma ovelha; tem quase as mesmas pintas que tem uma onça-pintada.

Pág. 42, v. 21. O caitatu é um porco bravo que há nos matos  
400 do Brasil.

Pág. 42, v. 22. O queixada é outro muito maior e muito mais bravo, principalmente quando sente cães, e muito mais se no bando há filhos pequenos; e o tiririca é muito pequeno e o mais bravo de todos.

As onças respeitam-nos tanto, que, quando querem matar  
405 algum para comer, trepam-se a uma árvore por cujo sítio sabem que eles hão de passar; e, quando passam, deitam-se sobre o último, matam-no e tornam a subir; e, quando os outros se vão, então é que o comem.

Pág. 42, v. 22. Os macacos, quando vão furtar milho a qual-  
410 quer roça, que é o mesmo que lavoira, deixam um vigia ou sentinela na árvore mais alta para os avisar quando vem o dono da roça ou outra qualquer pessoa que lhes possa ser suspeita; este vigia tem obrigação de lhe dar, quanto antes, esta senha: quiticó; dada ela, fogem todos, e têm o cuidado de levarem ao vigia uma ração do milho que  
415 furtaram; mas se, pelo contrário, o vigia se distrai e há em algum dos outros algum sucesso infeliz, como o de prisão ou morte, miserável vigia leva pancada velha, e nada de ração.

Pág. 43, v. 2. A anta é por outro nome a grã-besta; faz graves prejuízos às lavoiras; tem a cabeça como besta muar, não tem cauda, e tem os pés e mãos do feitio das mãos, e pés de boi com unhas rachadas.

Pág. 43, v. 5. O tamanduá é bicho maior que o maior porco; tem a cauda comprida, e nela cabelos de mais de palmo, por cujo motivo se chama *tamanduá bandeira*; o focinho é demasiadamente comprido; sustenta-se só em formigas; tem grandes forças, e não é animal muito bravo; se succede ser acometido de onça ou lobo, não lhes foge; antes, os espera constantemente, sentando-se logo e abrindo os braços; mal que a onça se chega a ele para o matar, ele se abraça com ela fortissimamente, e a vai apertando logo; urram ambos; e raivosa, a onça crava-lhe os dentes, as unhas, e o sacode forte, porém o tamanduá, apertando-a inda mais, lhe vai também cravando as fortes unhas que tem até as entranhas; e, introduzindo-lhe a comprida e áspera língua que tem pelo nariz, lhe chega aos miolos; e, sem se poder safar um do outro, morrem ambos.

É certo que esta contenda ninguém a observa ao princípio, porém tem-se achado muitos pelos campos mortos nesta figura, abraçados com as onças, e elas com eles; mas afirmam alguns campinos terem observado esta briga andando pelo campo, e acudindo aos urros que ambos dão.

Pág. 43, v. 6. O tamanduá-mirim é pequeno, porque mirim quer mesmo dizer pequeno na linguagem dos primeiros povoadores do Brasil; assim como açu quer dizer grande; este tamanduá é maior que um gato grande; também dá abraços; porém, como tem forças inferiores, pouco dano faz, e qualquer cão de perdizes, sendo valente, o mata.

Pág. 43, v. 7. O mono e o sagüim bem conhecidos são.

Pág. 43, v. 8. O gambá é animal do tamanho de um gato, não muito grande, mas mais comprido, e tem também comprido focinho; bebe muita aguardente e, ficando bêbado, assim se apanha; também é muito amigo de ovos, e é prejudicial por estas inclinações; este bicho tem um bolso de pele natural que lhe circula o ventre, onde traz os filhos enquanto pequenos.

Pág. 43, v. 8. A capivara é do tamanho de um porco muito grande e do mesmo feitio, menos a cabeça, que é demasiadamente feia; este animal vive na água e em terra, e faz grandes danos nas plantações dos agricultores. Não tratei das lontras em verso, mas sabe-se que é animal aquático, e que também se sustenta em terra; sustenta-se de peixe quando está na água, e saindo à terra come quanto pode apanhar, sem que lhe escapem galinhas, patos, pombos, etc.; é muito maior que a raposa.

Pág. 43, v. 10. A onça pequena, que é do tamanho do cão, chama-se jaguatirica.

Pág. 43, v. 12. A açuapara é do tamanho de um gamo, e é o maior veado que há nos sertões do Brasil; tem grandes armas, e investe à gente quando a perseguem.

Pág. 43, v. 13. O mocó é um animal que se parece com o coelho, porém maior; há tantos pelos sertões, que parece serão inextinguíveis; habitam por entre as pequenas concavidades das serras fragosas; têm o pêlo mais delicado e macio que jamais se viu; a maior parte deles são da cor cinza, e fingem calças de um pêlo cor de fogo.

Pág. 43, v. 13. O apercá também se parece com o coelho, porém tem o pêlo negro, orelhas pequenas, e é habitador dos pantanos.

Pág. 43, v. 14. Os quatis são de diferente espécie; são maiores que os mocós, têm cauda, e são muito prejudiciais às lavouras.

Pág. 43, v. 14. A cutia é do feitio do mocó; é também prejudicial aos lavradores.

Pág. 43, v. 15. A paca é maior que a cutia; é a carne mais saborosa que lá temos, porque até é melhor que a boa leitoa, estando gorda; quase sempre anda de noite; fazem-se domésticas e produzem em casa. Também se come o quati, o mocó e a cutia, mas não são tão saborosos como a paca, porque têm a carne mais seca.

Pág. 43, v. 16. A jeriticaca é um bichinho menor que um rato grande; é tão galante que a todos agrada pela sua formosura, e ao mesmo tempo a todos desagrade pela sua incivilidade; porém cada um defende-se como pode.

Pág. 43, v. 16. Teiú é um lagarto muito grande.

Pág. 43, v. 18. O caxinganguelê é uma espécie de sagüim, mas menor que um rato grande; é muito sagaz, e aparece pouco.

490 Pág. 43, v. 20. O cameleão parece-se com o lagarto, porém é curto, e o lagarto comprido; enche o papo de vento e se conserva assim longo tempo, e por isso julgam muitas pessoas que se sustenta de vento.

Pág. 43, v. 20. Tatu é um bicho focinhudo, que tem um casco  
495 ou concha natural que lhe cobre as costas; cava a terra e faz profundíssimas covas, onde mora.

Pág. 44, v. 4. O aí, ou preguiça, é um animal felpudo; a cara é a mais feia que se pode dar aos animais; é tão preguiçoso que num dia não anda a distância de vinte passos.

500 Pág. 44, v. 16. O sucuriú é cobra muito grande; tem-se visto algumas de vinte e cinco e trinta palmos, e tem grossura proporcionada ao comprimento; dizem que engole um boi; não duvido, porque é muito elástica; mas um veado, e não pequeno, sei eu que engole, porque vi matar-se uma na tabua de Manuel Nunes Vianna, nos  
505 sertões do rio de São Francisco, que tinha engolido um veado.

Esta cobra dá bem a conhecer o sitio onde está porque ouvindo um tiro, dá urros temíveis e espantosos; vive em terra e na água.

Pág. 44, v. 17. O cascavel é cobra venenosíssima; tem no fim da cauda uma espécie de chocalho, e nele divididas conchas, pelas  
510 quais se conhece a idade que tem, porque reputam um ano por cada concha.

Pág. 44, v. 19. A jereraca também é muito venenosa, e assim mesmo o jereracuçu, e a jereraca coral, que se parece à cobra-coral.

Pág. 44, v. 20. O surucucu é cobra assemelhada ao cascavel,  
515 e ambas são muito grandes, com a diferença de ser o cascavel cobra do campo e o surucucu do mato virgem; esta cobra é tão venenosa, que, apenas pica a alguma criatura, deita logo esta sangue pelos ouvidos, pelos olhos, pelo nariz, pela boca, sua sangue, e morre já. É cobra muito inimiga do fogo: quando vê alguma grande fogueira, deita-se a  
520 cla com o intuito de a apagar, mas, entretanto, morre nas chamas; tem um ferrão no fim da cauda com que também pica, e faz o mesmo dano que os dentes, pois tem nele igual veneno. Porém há muitas raízes e

óleos de que se usa, quando alguma cobra destas picam a qualquer criatura, e são antídoto contra o veneno que têm.

525 Pág. 45, v. 7. Todos estes peixes de que trato, desde a pirapitanga té o cascudo, são d'água doce, e conhecidos na capitania de Minas Gerais pelos mesmos nomes de que faço menção.

530 Pág. 45, v. 21. Os escravos pretos fogem para os matos e fazem o que já disse em verso; porém os capitães-do-mato, que são homens destimados e nomeados pelas Câmaras das vilas para prenderem estes pretos, vão ao sítio onde eles estão, ao qual se chama *quilombo*, e os prendem ou matam em sua defesa, se eles resistem, e têm além do despojo, a que chamam *tomadia*, um certo salário, que a mesma Câmara lhe dá.

535 Pág. 47, v. 5. Os gentios, de que já fiz menção em verso, e de várias nações que conheço e tenho notícia, andam nus, não fabricam, nem têm comércio com outra alguma nação. Entre eles, o mais bárbaro é o botocudo, porque não tem paz com nenhum dos outros. Este gentio tem o beijo e o nariz furado, e traz nele pendurado um pedaço de pau; faz grandes hostilidades, e muito principalmente quando acha alguns  
540 povos descuidados; então matam mulheres, homens, velhos, meninos, gados, galinhas; e, em uma palavra, são inexoráveis. Só o galo fica incólume, porque é o objeto de que eles mais se agradam, ou seja pela sua presença, ou pelo seu canto, e o fazem conduzir consigo. Nas suas aldeias, têm cães, aos quais cortam em pequenos a língua, e, cauterizando a ferida, vivem. Estimam muito estes cães já depois de grandes,  
545 porque ladram em segredo, pressentindo inimigos para eles se acautelarem ou fugirem, e por isso poucas vezes são vencidos. Estes bárbaros, como já disse, vivem da caça e dos roubos; e como os nossos matos têm muitas frutas, batatas, caça e muito mel, vivem neste costume péssimo.

550 Há diversas qualidades de abelhas, e por isso há méis de várias qualidades e de diversos gostos, cujos nomes são os seguintes:

Há mel de jataí, mel de mumbuca, mel de uruçú e mel de mandaçaia. O jataí é a mais pequena de todas as abelhas, e o seu mel muito medicinal, e tão claro como a calda purificada do açúcar; os outros não  
555 são assim.

Pág. 48, v. 5. A índia, logo que pare, mete-se num ribeiro e mais o pequeno filho, e não lhe vem dano algum deste banho.

- Pág. 49, v. 13. A salsa bem conhecida virtude tem: para o gálico, sabem todos que é excelente remédio.
- 560 Pág. 49, v. 16. O caiapiá é raiz do campo; é excelente para os constipados; pequena porção destas raízes cozidas em pouca água, bebendo-se quente, faz suar de repente, e melhora logo ao constipado.
- Pág. 49, v. 17. A casca d'anta, a chapada e abutua, que são raízes ou cipós, são excelentes remédios para cólicas ou outras quaisquer dores  
565 violentas; raladas, e bebidos os seus puses em aguardente ou em água quente, experimenta-se logo um pronto efeito de melhoria.
- Pág. 49, v. 22. A ibicusba, que é quase do feitio de uma bolota, é excelente para mezinhas de quem tem soltura de ventre, cuja obra é feita em sangue.
- 570 Pág. 49, v. 23. O óleo de copaíba é singular para beber aquela pessoa que deu grandes quedas, porque, bebendo-o oito dias a fio, nem precisa sangrar-se, nem necessita outro bálsamo.
- O mesmo sucede applicando-se a algum grande golpe que qualquer pessoa tenha, porque, deitando-se-lhe quente, não precisa outro  
575 cautério para sarar e para ser preservado de gangrena.
- Pág. 49, v. 24. O fumo-bravo é erva rasteira; qualquer pessoa que se sinta constipado, ou defluxado, toma uma porção desta erva e, cozendo-a em água e sal, e bebendo-a, sua com facilidade, despeitora e sara.
- 580 Pág. 50, v. 1. O urgebão faz o mesmo efeito que faz o chá.
- Pág. 50, v. 3. A congonha é erva rasteira; tomada em bebida em jejum faz lançar corlas; é muito diurética; faz boas cores e faz engordar muito; muitas pessoas lhe chamam mate, e usam dela aos almoços e depois de jantar como café.
- 585 Pág. 50, v. 3. Da caroba se usa em lugar do sene.
- Há também arruda, e é bem conhecida das comadres.
- Pág. 50, v. 4. O velame é erva muito excelente para banhos de quem tem dores nas juntas.
- 590 Pág. 50, v. 13. O cipó-de-chumbo é bem conhecido; e no Brasil se usa dele em remédio para os que têm dores de peitos, e para os que lançam sangue pela boca, e têm dores vagas pelo corpo.
- Pág. 50, v. 14. A figueira terrestre faz o mesmo efeito que o caiapiá.

Pág. 50, v. 15. O pau-terra dá uma fruta cujo suco é negro;  
595 quando temos cieirol ou frieiras nos cantos da boca, basta untá-la duas  
vezes com o suco desta fruta para sararmos.

Pág. 50, v. 17. A abóbora-do-mato é uma erva que é o  
azougue brasílico, porque, bebida em pequena quantidade, faz um  
excelente efeito a quem tem dores venéreas; e, banhando-se quem as  
600 padece na água em que são cozidas as suas folhas ou raízes, também  
experimenta grandes alívios.

Pág. 50, v. 18. A trapoiraba é erva muito fresca; a sua pro-  
dução é quase sempre nos pântanos, e é muito medicinal; anda sem-  
pre lá pensa aos cozimentos de malvas e tanchage, bem como cá as  
605 flores de sabugo e as de viola.

Pág. 50, v. 18. A erva-do-bicho é estimabilíssima para mezinhas  
dos corruptos, cuja mezinha, extraída do suco desta erva, sem se cozer,  
e ajuntando-se-lhe algumas pimentas malaguetas e sumo de limão-  
francês, destrói a corrupção, refresca o corpo e sara as dores de cabeça.

610 Pág. 50, v. 21. O nhambu é erva rasteira que dá um botão de  
cor amarela, o qual, mastigado por quem tem dores de dentes, faz  
adormecer o lugar molesto e, conservando a saliva envolta no suco do  
tal botão naquela parte, experimenta-se melhoras.

Pág. 51, v. 5. A mamona branca é fresca e medicinal, e por  
615 isso boa para banhos.

O óleo dos feijões desta mamona é bom para o cabelo e para  
outros remédios.

Pág. 51, v. 6. Almécega é uma espécie de resina que o pau  
chamado *almécega* verte pelos poros; quando nos dói a cabeça, usamos  
620 desta resina mole, pondo-a em parchos nas fontes, e experimentamos  
pronto alívio.

Pág. 51, v. 13. A ipecucoanha é a raiz que serve de purgante  
e vomitivo a todo o Brasil, e também se chama *puiaia*.

625 Pág. 51, v. 17. O barbatimão é árvore cuja casca é medicinal e  
aperta muito: usam dele algumas pessoas para banhos; e a capeba,  
como já disse, é cordial.

Pág. 51, v. 24. O buriú é o coqueiro mais alto, mais direito e  
mais grosso que há no Brasil; do âmagô da haste que tem por folhas,

que são palmas de diferente feitio, se serve a gente como da cortiça,  
630 porque tem a mesma semelhança, inda que mais grosseira; e o seu  
tronco deitado à terra em verde, e abrindo-se-lhe uma grande cava,  
passado o espaço de dez ou doze horas, está cheia do suco daquele  
grande tronco, o qual é um excelente vinho, saboroso e medicinal.

Pág. 52, v. 4. O pequi é do feitio da romã; é fruta silvestre, e o  
635 seu caroço é da cor e do feitio duma gema de ovo cozida; e também se  
come com sal; mas é preciso um grande cuidado, porque é toda cheia de  
miúdos espinhos que insensivelmente se pegam ao corpo, porque voam,  
por serem muito leves, e muito depois é que se sente o estrago.

FIM

## Notas e Comentários – Melânia Silva de Aguiar

### I. Ao Poema

- Pág. 27                    Era comum na literatura deste tempo, como introdução à obra, uma espécie de *advertência* ao leitor sobre o conteúdo da mesina e as intenções que motivaram sua escrita. A modéstia fazia parte deste prólogo, e era um lugar-comum à época. No presente caso, entretanto, o autor parece ter consciência da simplicidade formal de sua composição e, embora sabendo tratar-se de tema "curioso", a percepção de suas limitações se sobrepõe à simples adesão ao convencionalismo do tempo. O poema se constrói, todo ele, em redondilha maior, ou heptassílabos, estes sabidamente populares e de fácil urdidura.
- Pág. 29    1                    *Marília* é pseudônimo relativamente comum na poesia desta época. A obra de Tomás Antônio Gonzaga, *Marília de Dirceu*, cuja primeira parte foi publicada com tanto sucesso em 1792 (a segunda saíra em 1799), contribuiu seguramente para uma difusão maior deste pseudônimo pastoril. O autor desta *Descrição curiosa (...)*, que teve a primeira edição em 1804, em Lisboa, tendo sido reimpressa em 1806, deve ter lido o livro famoso de Gonzaga; algumas de suas passagens, como se verá adiante, parecem ecoar nos versos de Joaquim José Lisboa.
- 6                    *Com pouca arte, e sem beleza*: atente-se neste verso para a fusão dos aa em pouca arte, que assegura o verso de sete sílabas métricas.
- 13                    O verbo *ornar*, transitivo direto, é aqui usado com a preposição, evitando assim possível ambigüidade de sentido em construção oracional de sujeito posposto.
- Pág. 30    5                    A presença do dêitico *este* indica que o autor se acha em Portugal, de onde, pela memória, resgata a presença da natureza brasileira.

- 6 Aparece pela primeira vez o termo comparativo entre Brasil e Portugal, referindo-se ao clima dos dois países, com vantagens para o do Brasil.
- 8 calmoso: *quente*; derivado de *calma*, do grego *kauma*; na linguagem dos marinheiros gregos, *bonança*, *tempo sem vento*, o que ocorria freqüentemente no verão; daí o segundo sentido, *calor*.
- 23 Depois de um apanhado descritivo geral da natureza brasileira, o autor inicia a descrição mais minuciosa de seus elementos, começando pelas frutas, de variado sabor e forma.
- Pág. 31 6 *guaiaba*: variante de *goiaba*.
- 18 No original está *gorumixamas*, variante de *grumixamas*; adotou-se esta última forma para preservar o verso heptassílabo.
- 19 *latadas*: grades de varas ou de canas, armadas para sustentar parreiras e outros tipos de planta. Basílio da Gama, no *Uraguai*, descrevendo o bosque onde se dá a morte de Lindóia, usa expressivamente o termo: *Cobre uma rouca fonte, que murmura, / Curva latada de jasmims e rosas* (IV, 147-8).
- Pág. 32 6 *guariobas*: vocábulo de origem tupi, é o mesmo que *coqueiro-amargoso*; não se confunde com *gabiroba*, de étimo também tupi, muito próximo, e o mesmo que *araçá-felpudo*, e o fruto desta planta.
- 7 *Coroá cheiroso*, *taiobas*: ocorre sinérese em *coroá* (*co/roá*), responsável pela regularidade métrica do verso heptassílabo.
- 24 *jambês*: com ê fechado, é como se encontra na edição de 1806; *jambés*, iguaria feita com o fruto do caruru.
- Pág. 33 3 *gerzelim*: variante de *gergelim*, de que se apontam ainda *girgilim* e *zirzelim*.

- 17 *A Jiquitinhonha*: no feminino; nos nomes de rios, o gênero é usado em alternância com o masculino e adotado com os substantivos terminados em *-a*; ocorre ainda nesta obra *Jequitinhonha*.
- Pág. 34 9 Segue-se o mesmo uso do feminino para outros nomes de rios em *a*.
- 11 *Parnaíba*: o mesmo que *Paranaíba*.
- 12 *Perauaçu*: forma antiga de *Paraguaçu*.
- Pág. 35 7 Rio Escuro em Paracatu: observe-se a sinérese em Rio Escuro, que garante a regularidade métrica.
- 11 *E a Paracatu*: entenda-se *E torno a Paracatu*.
- Pág. 36 3 *Petanqui*: forma antiga de *Pitangui*.
- 24 Neste verso, ao que parece autobiográfico, o autor, referindo-se aos tempos em que serviu como soldado no norte de Minas, deixa transparecer seu encantamento com a região e o desejo de volta.
- Pág. 37 5 A insistência neste *verás*, usado também nas estrofes seguintes, além do apelo visual de grande efeito plástico, remete a uma lira de Marília de Dirceu, de Tomás Antonio Gonzaga (lira III, da terceira parte), onde o poeta procura retratar para Marília a paisagem do presente e do futuro: *Tu não verás, Marília, cem cativos / Tirarem o cascalho e a rica terra, / Ou dos cercos dos rios caudalosos, / Ou da minada Serra. / Não verás separar ao hábil negro / Do pesado esmeril a grossa areia, / E já brilharão os granetes de ouro / No fundo da bateia. / Verás em cima da espaçosa mesa (...)*.
- 23 *curiangu* ou *curiango*: são ambas formas registradas na linguagem corrente; parece, no entanto, haver preferência pela primeira forma no norte de Minas, o que reforça a idéia de

- uma ligação estreita do autor com a região, ele que se intitula, em mais de uma obra, "pastor do Serro".
- Pág. 38 2 Na edição de 1806 está as *mexeriqueiras*; suprimimos aqui o artigo, por comprometer a medida regular do verso.
- 18 *Que airoosamente passeando*: observe-se a sínérese em *passeando*.
- Pág. 39 1 No texto original está: *João de Barros*, numa evidente confusão do substantivo *barro*, que alude ao material usado para o "arranjo" da casa, e o sobrenome *Barros*, que aqui nada significa.
- 4 *Coa*: ocorreu aqui a ectilipse (elisão do m final antes da vogal inicial seguinte), adotada por razões métricas.
- Pág. 40 11 *A saborosa capoeira*: este verso, para se manter regular, deve valer-se da síncope do o em *saborosa* (preferencialmente) ou então, da sínérese em *capoeira*.
- Pág. 42 20 *maracaiá*: na edição de 1806 está *malacaia*, provavelmente por erro de impressão, entre outras razões porque não se justifica o paroxitono no esquema de rimas usado. Mais adiante, nas *Notas*, do autor, encontra-se *maracaiá* (pág. 68, 396).
- 21 *caitatu*: variante de *caítitu*, de que há também *taititu*.
- Pág. 43 12 *suaçuapara*: o mesmo que *suaçuapara* e, ainda, *açuapara*.
- 13 *pereás*: derivado de *apereás*, com aférese; é o mesmo que *preás*, este sujeito à síncope.
- 16 *tiiú*: do tupi *ti'yu*, o mesmo que *tiju*; usa-se igualmente a forma *teiú*.
- 18 *caxinganguelê*: do quimbundo *kaxinjjang'elê*, rato de palmeira; é o mesmo que *caxinguelê*, forma submetida à

haplologia (contração ou redução de elementos similares no vocábulo).

- Pág. 44 17 *O cascavel*: do provençal *cascavel*, no masculino; quando não está claro o morfema de gênero, costuma ocorrer alternância genérica.
- 18 a: no feminino, é determinante de *cobra*, forma omitida no verso, de construção elíptica.
- 20 *E o temível surucucu*: este verso, para manter a regularidade métrica, deve observar a síncope do *u* inicial em *surucucu*; observe-se a adoção indiscriminada de masculino e feminino para nomes de cobras, tendo-se em conta tão-só o fonema final.
- 22 'stão: a aférese garante a medida regular do verso.
- Pág. 45 10 *assalvado*: forma derivada de *selvagem*, originada por sua vez de *selvagem*, por assimilação. Meyer Lübke registra *salvage*, do provençal.
- 13 *curumatá* ou *curumatã*: de gênero masculino ou feminino.
- 16 *corovina*: variante popular de *corvina*, do espanhol *corvina*.
- 21 Falando dos elementos naturais da região, o autor abre aqui espaço (estranhamente na percepção do leitor de hoje) para falar dos negros e dos índios, como "produções" exóticas da terra.
- Pág. 47 11 *piores*: forma antiga de *piores*.
- 13 *botucudos*: o autor usa indiscriminadamente *botucudos* e *botocudos*, forma mais corrente, derivada de *botoque*, rodela usada por algumas tribos indígenas no lábio furado. Também no *Vila Rica* (II, 243), de Cláudio Manuel da Costa, em seus vários manuscritos, encontram-se estas e outras formas: *bote-cudos*, *botucudos*.

- Pág. 48 4 *Fiam dele o seu despique*: isto é, confiam a ele, o cacique, o seu desagravo ou a sua vingança, submetendo-se ao seu comando.
- 19 *croatos*: de *croás*, ou *coroás*, possivelmente por formação irregular e contaminação do gentílico relativo a *Croácia*.
- 20 *monaxós*: o mesmo que *monoxós*. Nos manuscritos do *Vila Rica* (VI, 135), ocorrem ainda *munaxós*, *manaxós*, *manoxós*.
- Pág. 49 13 *gálico*: sinônimo de *sífilis* e, como seus outros sinônimos (*mal-americano*, *mal-francês*, *mal-germânico*, *mal-turco*, *mal-napolitano* etc.), remete a uma suposta origem do mal. Também: *mal-de-coito*, *mal-de-santa-eufêmia*, *mal-dos-cristãos*, entre outros.
- 22 *A butua nova*, a *bicuiba*: neste verso, faz-se mister o deslocamento da tônica de *butua* para a primeira sílaba e a sinérese em *bicuiba*, para que se mantenha a regularidade do heptassílabo; *bicuiba* é variante de *ibicuiba*.
- 23 *O óleo de copalba*: observe-se a não elisão no início do verso, responsável pela regularidade métrica.
- Pág. 50 7 *f'rida*: ocorreu aqui, por razões métricas, a síncope legítima do e (licença poética).
- 17 *abóbora*: com ô fechado, conforme a edição de 1806.
- 18 *Trapoiraba*: o mesmo que *trapoeraba*, ou *olho-de-santa-Juzia*.
- 20 *corrupção*: aqui, o mesmo que *infecção*.
- Pág. 51 9 *parchos* ou *parches*: significa *emplastro*, *curativo*.
- 13 *epicacuanha*: variante de *ipecacoanha*; o autor usa, ainda, *ipecucoanha* (Notas: pág. 74, 622).

- 18 *E a experiência nos ensina*: este verso, para manter-se metricamente regular, exige a sinérese em *experiência* (*ex/pe/riên/cia*), ou a síncope do segundo e (*ex/priên/cia*).
- 19 *malina* é variante de *maligna*.
- 20 *cordial*: aqui é substantivo, e significa *medicamento fortificante ou que alivia*.
- Pág. 52 6 *De Portugal o tesouro*: observe-se aqui a fidelidade inquestionável a Portugal; as riquezas que passa a descrever são "o tesouro de Portugal". Esta atitude de explícita submissão se mantém em todo o poema e para ela deve ter concorrido a lembrança ainda próxima dos episódios de repressão na colônia, particularmente o da Inconfidência mineira.
- 7 Também Gonzaga anteriormente, com outros propósitos, descreve para Marília (ou Maria Dorotéia) as atividades da mineração, da lavoura da cana-de-açúcar e do fumo nas Minas Gerais de seu tempo, mostrando à amada, em contraposição, outra paisagem, para onde partiriam em breve (lira III, da terceira parte).
- 15 *rubins*: variante de *rubis*, é forma corrente na poesia do setecentos.
- 18 *grisólita*: o mesmo que *crisolita*, ou *crisólita*.
- 20 *amatistas*: o mesmo que *ametistas*.
- Pág. 53 8 *Registre-se nesta estrofe o orgulho do poeta ao falar das riquezas do País, orgulho, entretanto, controlado na cuidadosa declaração de lealdade de seus patricios ao Rei (ele inclusive), que vem a seguir.*
- 17 *Nada tem tanto valor*: novamente aqui percebemos, guardadas as diferenças, ecos de Gonzaga: *Mas tendo tantos dotes da ventura, / Só apreço lhes dou, gentil Pastora, / Depois que o teu afeto me segura / Que queres do que tenho*

*ser Senhora. / É bom, minha Marília, é bom ser dono / De um rebanho, que cubra monte e prado, / Porém, gentil Pastora, o teu agrado / Vale mais que um rebanho, / E mais que um trono (lira I, da primeira parte).*

Pág. 54 5 Este poema, impresso em 1804 e reimpresso em 1806, é contemporâneo das guerras napoleônicas, o que explicará a alusão do autor a uma possível instalação da sede da monarquia em terras brasileiras. A idéia, na verdade, é antiga, e o momento de tensão em que vive Portugal (lembre-se que é de 1805 uma conspiração contra o Regente, de que participaram Junot, a princesa Carlota Joaquina e simpatizantes da causa francesa) lhe dá aquecimento especial.

13 *Mas se ele não quer piedoso*: a regularidade métrica exige a sinérese em piedoso.

20 Os versos finais indicam a intensidade dos sonhos de volta do poeta ao país natal, sempre deixando claros, prudentemente, os protestos de fidelidade ao Rei.

## II. Às Notas, do Autor

Pág. 57 1 Iniciam-se aqui as Notas, onde o autor, com maior desenvoltura, pode dar explicações mais detalhadas sobre a matéria de que trata ao longo do poema; é procedimento freqüente no tempo. Basílio da Gama o fez para *O Uruguai*; Cláudio Manuel da Costa, para o *Vila Rica* etc.

20 *A araticum*: observe-se a oscilação de gênero no poema; à pág. 31, 2, vem o *araticum*.

Pág. 58 41 *guaiaba*: variante de *goiaba*.

Pág. 60 106 *gurumixamas*: o mesmo que *gorumixamas* ou *grumixamas*, frutos da *grumixameira*.

131 *obstrusos*: ou *obstruidos*, *entupidos*; de *obstruir*, por formação irregular.

- Pág. 61 144 *na panela da vaca*: entenda-se aqui *na panela com a carne da vaca*.
- 160 *corá*: o mesmo que *coral*, variante de *curau*, por ultra-correção; *corá* e *coral* são formas mais usadas em Minas Gerais e Rio de Janeiro, ao passo que *curau* é corrente em São Paulo, Goiás e Mato Grosso.
- 163 *alcomonia*: variante de *alcamonia*, designa o doce que é feito, em geral, de melaço e farinha de mandioca.
- 168 *a Jiquitinhonha*: observe-se aqui o feminino, adotado em geral com os nomes em -a.
- 170 *juogado*: divisão territorial sob a jurisdição de um juiz ordinário.
- Pág. 62 178 *José Vieira Couto*: naturalista encarregado, em 1798, em nome da rainha D. Maria I, de fazer exames mineralógicos e metalúrgicos na comarca do Serro do Frio; autor, entre outras, das *Memórias sobre a capitania de Minas Gerais* (1799).
- 179 *Bernardo José de Lorena*: sucessor do Visconde de Barbacena, foi governador da capitania de Minas Gerais de 1797 a 1804, ano em que passou o governo a seu sucessor, Pedro Xavier de Ataíde e Melo. Em suas *Memórias do Distrito Diamantino* (1868), Joaquim Felício dos Santos relata a perseguição do intendente dos diamantes João Inácio do Amaral Silveira a José Vieira Couto e as medidas tomadas por Bernardo José de Lorena, que esteve no Tijuco, em 1801, em missão de averiguar a conduta do citado intendente dos diamantes.
- Pág. 64 245 *curiangu*: é variante de *curiango*.
- 276 *joão-de-barro*: na edição de 1806 João-de-Barros, numa evidente distorção semântica.
- 277 *lazã*: variante de *alazã*, com aférese.

- Pág. 65 308 *zabelê*: aqui, no masculino; é substantivo comum-de-dois-gêneros.
- Pág. 66 336 *té*: de *até*, com aférese.
- 345 *saca-trapo*: haste de ferro, tendo uma das extremidades espiraladas, com a qual se retiravam buchas de armas de fogo.
- Pág. 67 350 *capoeira*: aqui o mesmo que *uru*.
- 377 à canção: ou seja, segundo a canção.
- 377 *a seu salvo*: isto é, com segurança.
- Pág. 68 395 *chucha*: o mesmo que *chupa*.
- 396 *maracaiá*: o mesmo que *maracajá* ou, ainda, *bracaiá*.
- Pág. 70 471 *apereá*: tem como variantes *pereá* ou *predá*.
- Pág. 71 488 *caxinganelê*: ou *caxinguelê*, com haplogogia.
- 488 *sagüim*: o mesmo que *sagüi*, *sauim* e, ainda, *sauf*.
- 490 *cameleão*: variante de *camaleão*.
- 504 *Manuel Nunes Viana*: "o primeiro ditador que se erigiu na América", segundo Diogo de Vasconcelos, era natural de Viana do Minho; tendo vindo para Minas, aqui enriqueceu e ganhou prestígio. Em 1707, com as desavenças entre paulistas e forasteiros (guerra dos emboabas), foi aclamado por estes governador das Minas. O autor da *Descrição curiosa (...)*, não tendo sido contemporâneo de Nunes Viana, refere-se aqui a algum ponto do sertão do rio São Francisco, para onde Manuel Nunes se retirou, depois de reconciliado com as autoridades reinóis.
- 512 *jereraca*: de *jararaca*, por dissimilação.

- Pág. 73 565 *pus*: plural de *pus*, aqui no sentido de *seiva*, *secreção*; *pus*, na edição de 1806.
- 568 *obra*: o mesmo que *fezes*.
- 581 *corlas*: de *cólera*, e *colra*, com metátese; líquido do estômago ou, ainda, *bife*.
- Pág. 74 602 *trapoiraba*: o mesmo que *trapoeraba*.
- 604 *lanchage*: de *lanchagem*, com apócope; forma oriunda por sua vez do antigo vocábulo *chantagem*, do latim *plantagine*, com metátese; erva de origem européia.
- 607 *corruptos*: isto é, *infectados*, *portadores de infecção*.
- 609 *corrupção*: ou seja, *infecção*.
- 622 *ipeucuanha*: variante de *ipecacuanha*, por assimilação; no texto do poema ocorre ainda *epicacuanha* (pág. 51,13).
- 626 *cordial*: aqui é substantivo, no sentido de *medicamento*, *bebida fortificante*, que traz alívio e conforto.

### Referência de imagens



WIED-NEUWIED, Maximilian Prinz zu. Passelo de barro num braço do rio Doce (detalhe). FARIA, Miguel. Brasil: visões europeias da América Lusitana. *Oceanos. O teatro da natureza: Maximiliano no Brasil*. Lisboa, n. 24, p. 70-100, out./1995.



Arca de noiva (detalhe). Madeira pintada, século XIX. Acervo Museu da Inconfidência.



AUGÉ, Claude (dir.). Banana. In:-. *Le Larousse pour tous*. Paris: Librairie Larousse, [192-]. Coleção Luís Augusto de Lima.



AUGÉ, Claude (dir.). Goiaba. In:-. *Le Larousse pour tous*. Paris: Librairie Larousse, [192-]. Coleção Luís Augusto de Lima.



AUGÉ, Claude (dir.). Abacaxi. In:-. *Le Larousse pour tous*. Paris: Librairie Larousse, [192-]. Coleção Luís Augusto de Lima.



JULIÃO, Carlos. Vendedor ambulante (detalhe). In:-. *Riscos iluminados de figurinhos de brancos e negros dos usos do Rio de Janeiro e Serro Frio*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1960. Acervo Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa.



Mapa da freguesia do Bom Jesus do Xique-Xique, arcebispado da Bahia, circa 1817. Original Acervo Arquivo Nacional.



DESCOURTILZ, J. T. Beija flor rabilongo. In:-. *Pageantry of Brazilian birds*. Rio de Janeiro: Colibri, 1960. Pl. 49. Acervo Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa.



DESCOURTILZ, J. T. Cardeal, tico-tico, tico-tico rei, xuré, Pai-Pedro. In:-. *Ornitologia brasileira ou história natural das aves do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos, [1944]. Estampa 43. Acervo Biblioteca Pública estadual Luiz de Bessa.



DESCOURTILZ, J. T. Triba. In:-. *Pageantry of Brazilian birds*. Rio de Janeiro: Colibri, 1960. Pl. 3. Acervo Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa.



PISONIS, Guilielmi. Surucucu. In:-. *De Indiae utriusque re naturali et medica*. Amsterdã: [s.n.], 1658. Acervo Arquivo Público Mineiro.



PISONIS, Guilielmi. Preguiça. In:-. *De Indiae utriusque re naturali et medica*. Amsterdã: [s.n.], 1658. Acervo Arquivo Público Mineiro.



PISONIS, Guilielmi. Piranha. In:-. **De Indiae utruisque re naturali et medica.** Amsterdã: [s.n.], 1658. Acervo Arquivo Público Mineiro.



PISONIS, Guilielmi. Pacu. In:-. **De Indiae utruisque re naturali et medica.** Amsterdã: [s.n.], 1658. Acervo Arquivo Público Mineiro.



PISONIS, Guilielmi. Curimatã. In:-. **De Indiae utruisque re naturali et medica.** Amsterdã: [s.n.], 1658. Acervo Arquivo Público Mineiro.



PISONIS, Guilielmi. Tamanduá mirim. In:-. **De Indiae utruisque re naturali et medica.** Amsterdã: [s.n.], 1658. Acervo Arquivo Público Mineiro.



SELLOW, Friedrich. Esboço de Butocudos. FARIÁ, Miguel. Brasil: visões europeias da América Lusitana **Oceanos.** O teatro da natureza - Maximiliano no Brasil. Lisboa, n. 24, p. 70-100, out./1995





JULIÃO, Carlos. Índios. In:-. **Riscos iluminados de figurinhos de brancos e negros dos uzos do Rio de Janeiro e Serro Frio.** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1960. Pl. IX. Acervo Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa.



JULIÃO, Carlos. Extração de diamante. In:-. **Riscos iluminados de figurinhos de brancos e negros dos uzos do Rio de Janeiro e Serro Frio.** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1960. Pl. XLI. Acervo Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa.



WIED-NEUWIED, Maximilian Prinz zu. Passeio de barco num braço do rio Doce (detalhe). FARIA, Miguel. **Brasil: visões européias da América Lusitana. Oceanos. O teatro da natureza: Maximiliano no Brasil.** Lisboa, n. 24, p. 70-100, out./1995



MARTIUS, C. F. P. *Chaetogastra repanda*. In:-. **Nova genera et species plantarum.** Monachii: Typis Caroli Wolf, 1829. V. 3. Tab. 270. Acervo Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa.

Esta obra foi impressa pela Rona Editora, com tiragem de 1.000 exemplares para o Centro de Estudos Históricos e Culturais da Fundação João Pinheiro, em Belo Horizonte, janeiro de 2002.